

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

LETÍCIA DA COSTA MACHADO

**UMA PAIXÃO BIBLIOGRÁFICA NO SÉCULO XXI:
O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO NO *INSTAGRAM***

Rio de Janeiro

2018

LETÍCIA DA COSTA MACHADO

**UMA PAIXÃO BIBLIOGRÁFICA NO SÉCULO XXI:
O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO NO *INSTAGRAM***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof Dr. Andre Vieira de Freitas Araujo

Rio de Janeiro

2018

CIP - Catalogação na Publicação

MM149p Machado, Letícia da Costa
Uma paixão bibliográfica no século XXI: o
coleccionismo bibliográfico no Instagram / Letícia da
Costa Machado. -- Rio de Janeiro, 2018.
63 f.

Orientador: Andre Vieira de Freitas Araujo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
2018.

1. Coleccionismo bibliográfico. 2. Bookstagram.
3. Bibliotecas pessoais. 4. Bibliofilia. I. Vieira
de Freitas Araujo, Andre, orient. II. Título.

LETÍCIA DA COSTA MACHADO

UMA PAIXÃO BIBLIOGRÁFICA NO SÉCULO XXI:
O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO NO *INSTAGRAM*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2018.

Prof. Dr. Andre Vieira de Freitas Araujo
Orientador

Prof. Dr. Danilo Pestana de Freitas
Membro interno

Prof. Dr. Mauro Márcio de Paula Rosa
Membro interno

Para Rose Mary, Verônica e Rosilene, as
mulheres da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Andre, meu orientador tão aguardado, agradeço pela paciência, por acreditar no meu tema e por me ajudar a me encontrar nesse difícil processo de escrita. Obrigada por cada orientação, por todas as dicas e por não me deixar desistir.

Aos membros da banca avaliadora, Danilo e Mauro, agradeço por aceitarem o convite, pela admirável dedicação em sala de aula e por serem inspirações em minha futura vida profissional.

Às “migas de editoração”, Luana e Mariana, agradeço pelo apoio incondicional durante todo o processo de escrita deste trabalho a toda e qualquer hora do dia. Obrigada por cada palavra, cada vírgula, cada opinião sincera e principalmente pelas risadas em meio ao desespero.

Gabriel, a melhor pessoa que eu poderia ter ao meu lado. Os melhores sorrisos, o melhor abraço, o melhor parceiro de escrita da face da terra. Obrigada por ser meu mundo de paz em meio a essa turbulência acadêmica.

Caique, o melhor professor e mais incrível fonoaudiólogo, obrigada pela força e por me amparar quando eu quase desisti. Você foi a luz que eu precisava.

Às meninas do “Grupinho do canto”, obrigada pela companhia nessa impactante caminhada. Sem dúvidas, os dias foram mais leves e divertidos com a companhia de cada uma.

À minha família e amigos, agradeço pelo apoio incondicional e pela compreensão sobre minhas ausências.

Agradeço a Deus, que me sustentou até aqui.

“Quem escreve um livro constrói um castelo, e quem lê passa a habitá-lo”.

(Autor desconhecido)

RESUMO

O colecionismo bibliográfico é uma prática histórica que corresponde a diversas tipologias de livros, sejam eles impressos ou digitais. No contexto da era tecnológica é possível possuir vários livros digitais em um único dispositivo eletrônico, mas ainda existem indivíduos que são apaixonados pelo livro físico, preferindo o cheiro das folhas e a brochura do papel, para além de lê-los, guardá-los e colecioná-los. Esse tipo de coleção também é percebido no *bookstagram*, um nicho de perfis literários do *Instagram*, onde os usuários compartilham fotos e vídeos curtos acompanhados de uma legenda. A movimentação do *bookstagram*, com fotos de coleções de livros e estantes, instiga o seguinte questionamento: é possível dizer que existe um tipo de colecionismo bibliográfico nos perfis literários do *Instagram*? Como ponto de partida dessa pesquisa, material bibliográfico foi utilizado para o embasamento do tema, contextualização e discussão dos principais conceitos. Para verificar a existência ou não do colecionismo bibliográfico no *Instagram*, foi realizada uma pesquisa de campo, na qual um questionário foi aplicado aos proprietários dos perfis selecionados e que se consideram colecionadores de livros. A partir das respostas recebidas e da comparação com a revisão de literatura foi constatado que o colecionismo bibliográfico – que é uma prática conhecida desde a criação do livro – apesar de ser uma pauta tímida para discussões, ainda possui seu apaixonado grupo de praticantes. Com seu espaço em uma rede social e compartilhando desse amor, os colecionadores exibem suas estantes, materializando nos livros e na coleção os sentimentos e emoções impossíveis de serem separados do objeto, confirmando assim a existência de uma forma contemporânea de colecionismo bibliográfico no *Instagram*.

Palavras-chave: Colecionismo bibliográfico. Bookstagram. Bibliotecas pessoais. Bibliofilia.

ABSTRACT

The bibliographical collection is a historical practice that corresponds to several books typology, be printed or digital they. In the context of the technological era it is possible to have several digital books in the only electronic device, but there are still individuals who are in love with the physical book, preferring the smell of the leaves and the paperback of the paper, besides reading them, guarding them and collecting them. This type of collection also is realized in the bookstagram, a niche of literary profiles of the Instagram, where the users share photos and short videos accompanied by an inscription. The movement of the bookstagram, with photos of collections of books and bookcases, incites the next questioning: is it possible to say that there is a type of bibliographical collection in the literary profiles of the Instagram? Like starting point of this inquiry, bibliographical material was used for the foundation of the subject, contextualize and discussion of the main concepts. To check the existence or not of the bibliographical collection in the Instagram, there was carried out a field work, in which a questionnaire was applied to the owners of the selected profiles and that is considered books collectors. From the received answers and the comparison with the literature revision it was noted what the bibliographical collection – what is a practice known from the creation of the book – in spite of being a shy list for discussions, still has his group in love of apprentices. With his space in a social network and sharing of this love, the collectors show his bookcases, when there are materializing in the books and in the collection the feelings and impossible emotions of being separated of the object, confirming so the existence of the contemporary form of bibliographical collection in the Instagram.

Keywords: Bibliographical collection. Bookstagram. Personal libraries. Bibliophilia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Perfil do Instagram: @queriaseralice.....	38
Figura 2 -	Perfil do Instagram: @saymybook.....	39
Figura 3 -	Perfil do Instagram: @sereia_literaria.....	40
Figura 4 -	Estante: @queriaseralice.....	46
Figura 5 -	Estante: @saymyboook.....	48
Figura 6 -	Estante: @sereia_literaria.....	49
Figura 7 -	Ana Cláudia Gauer, administradora do perfil @queriaseralice.....	50
Figura 8 -	Jéssica Sena, administradora do perfil @saymybook.....	51
Figura 9 -	Letícia Zaccaron, administradora do perfil @ sereia_literaria.....	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	JUSTIFICATIVA.....	13
1.2	OBJETIVOS.....	14
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
2.1	CAMPO DE PESQUISA.....	15
2.2	TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	15
2.3	POPULAÇÃO/ AMOSTRA.....	16
3	COLECIONISMO.....	18
3.1	COLECIONISMO E COLEÇÕES.....	18
3.2	COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO E BIBLIOFILIA.....	21
4	BIBLIOTECAS PESSOAIS.....	27
5	O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO NO <i>INSTAGRAM</i>.....	33
5.1	<i>INSTAGRAM</i>	33
5.2	<i>BOOKSTAGRAM</i>	34
5.3	O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO RESSIGNIFICADO: OS PERFIS LITERÁRIOS NO <i>INSTAGRAM</i>	36
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS.....	58
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	62

1 INTRODUÇÃO

O ato de colecionar coisas pode ser interpretado como acumulação, e até como um simples conjunto de objetos, isso por quem vê a coleção de fora e não entende as motivações do colecionador. No “Dicionário do Livro” Faria e Pericão (2008, p. 177) definem colecionar como “constituir uma coleção; juntar; reunir; coligir; compilar”, mas em nenhuma definição é dito o que pode ser colecionado. Segundo Dohmann (2015, p. 81) “não há regras específicas que determinem o tempo, modo ou mesmo os critérios para que um objeto seja conceituado como ‘coleccionável’”, o gosto pessoal e as memórias afetivas que estes objetos despertam no colecionador são o que os tornam valiosos para fazerem parte de uma coleção.

Uma coleção, por vezes, é formada a partir da paixão do seu criador. Belk (1995, apud FARINA; TOLEDO; CORRÊA, 2006, p. 3) define colecionismo como o “processo de adquirir e possuir coisas de forma ativa, seletiva e apaixonada”. Essas coisas, ou objetos não apresentam necessariamente alguma característica física em comum, uma coleção pode ser um conjunto de objetos não idênticos, o que define uma coleção como tal é o comportamento do colecionador. (FARINA; TOLEDO; CORRÊA, 2006, p. 3).

Murguia (2009) aborda o colecionismo como:

um ato voluntário que leva à construção de uma coleção, nunca pensada em partes, mas como um todo inseparável. As coleções sempre começam de forma espontânea, e, nesse sentido elas existem pela vontade do colecionador [...]. (MURGUIA, 2009, p. 93).

Para Farina, Toledo e Corrêa (2006, p. 7) a coleção “representa uma extensão da personalidade do colecionador”, na qual além do tempo e esforço dedicado para a sua construção, o colecionador põe uma parte de si mesmo na coleção. “De forma geral, a coleção é, pois, um retrato da personalidade do colecionador”, onde este se apaixona pelos objetos colecionados e faz da coleção parte de sua vida. (FARINA; TOLEDO; CORRÊA, 2006, p. 5).

Coleções são estudadas a partir de diversas abordagens e perpassam por múltiplas áreas do conhecimento, sendo trabalhadas até transdisciplinarmente e oferecendo diversas interpretações. Os objetos e o próprio colecionador são o que determinam os horizontes de uma coleção. Dentre os vários objetos passíveis de coleção está o livro, que desde sua invenção é cercado de mistérios, se tornando um objeto de desejo por nunca ser apenas um simples objeto. “Os livros têm as conotações mais poderosas e sutis, pois nunca são apenas objetos, têm uma voz com a qual falam através do tempo e das vidas” (BLOM, 2003, p. 228).

Sendo um objeto cercado de conhecimento e mistérios, o livro desperta o interesse das pessoas e chega a se tornar símbolo de prestígio e integrar pretensas coleções. (PEDRÃO; MURGUIA, 2013).

Os colecionadores de livros podem se ater a diferentes características para colecioná-los: livros de um determinado autor, de determinada editora, de um gênero específico, publicados em um certo lugar, edições de capa dura e especiais, primeiras edições ou livros considerados raros, autografados ou com marcas de propriedades de antigos donos, etc.

Um colecionador agrega sentimentos e significados pessoais aos livros, algo além da sua materialidade como suporte de informação. Murguia (2009, p. 88) acredita que “o colecionismo de livros vai além da informação, pois a sua apropriação material está permeada por motivos diversos, que não unicamente a criação do conhecimento”.

Um colecionador poder ser um leitor ou não. Quem lê por prazer, ama os livros, e essa paixão por colecioná-los é chamada de bibliofilia. Cavedon et al. (2007, p. 359) dizem que “[...] o livro exerce uma atração multiforme que vai muito além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental”. E enumera ainda três estágios de um bibliófilo: primeiro, a ilusão de que conseguirá ler mais livros do que realmente consegue. Segundo, o desejo de ter o maior número de livros possível do autor que mais gosta, começando assim uma coleção. E terceiro, o surgimento do interesse por primeiras edições, geralmente raras, sendo atraído pelo livro como objeto (CAVEDON et al., 2007).

Existem diferentes tipos de leitores: os que leem para estudar e adquirir conhecimento, por causa do trabalho, para se informar sobre algo, ou por simples diversão. Leitores que leem em plataformas digitais, e aqueles que, apesar dos aparelhos tecnológicos e todas as ferramentas digitais desenvolvidas, não abrem mão do livro físico. A relação desse indivíduo com o livro, muitas vezes é algo pessoal e emocional.

Mindlin (2009, p. 59) diz que “[...] o amor aos livros aproxima as pessoas e forma sólidas amizades [...]”. As redes sociais são ferramentas que aproximam as pessoas, independente da distância física, o contato é feito através de uma tela.

Comunidades virtuais são criadas para unir pessoas, sendo compostas por indivíduos que possuem interesses em comum e que se relacionam a distância através dos meios de comunicação. Rheingold (1996) define comunidade virtual como

agregados sociais que surgem da rede, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante [...] discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço (RHEINGOLD, 1996, p. 18).

Comunidades virtuais foram criadas desde o início da *Web*, como as listas de *e-mails* temáticas, que amantes de livros e da literatura participavam para conversar e compartilhar informações (JEFFMAN, 2017). A tecnologia evoluiu, e junto com ela as comunidades virtuais se transformaram, se tornando mais abertas e acessíveis.

O *Instagram* é uma rede social onde é possível compartilhar fotos e vídeos com outros usuários da rede. Com perfis de diversas temáticas, os livros também entram nesse universo. O *Instagram* também funciona como uma ferramenta de marketing para autores e editoras, que fazem a divulgação dos seus títulos através das postagens na rede social, onde também criam parcerias com leitores e usuários dos perfis.

Leitores usam seus perfis no *Instagram* para o compartilhamento de suas paixões: os livros. Perfis literários são criados com a intenção de compartilhar essa paixão, neles os usuários exibem suas estantes e coleções, e é aberto um canal de comunicação direto que possibilita o diálogo com outras pessoas que compartilham do mesmo amor.

Os usuários do *Instagram* criaram um nome para identificar sua comunidade literária: *Bookstagram*, *book* significa livro em inglês, e *Instagram* é o nome da rede social. Essa identificação se dá através das *hashtags* utilizadas nas legendas das fotos, onde também é possível localizá-los usando outros termos relacionados aos livros e a leitura.

Clicando na *hashtag bookstagram* é possível encontrar inúmeras imagens relacionadas aos livros, à leitura e a literatura. Normalmente, os perfis literários do *Instagram* pertencem a usuários que efetivamente leem os livros. Os livros são lidos e compartilhados na rede através de fotos, junto com suas sinopses, as impressões do leitor e algumas vezes até notas são concedidas para a história. A interação acontece por meio dos comentários, onde os leitores dialogam e também dão suas opiniões. Uma *hashtag* que ganha certo destaque nesse trabalho é a *bookshelf*, pois é com essa marcação que os leitores fazem um tour pelas estantes e mostram suas coleções.

No contexto das redes sociais é perceptível a expressão de uma forma de colecionismo, a exemplo das pessoas que divulgam suas leituras e coleções de livros no *Instagram*. Essas coleções, movidas pelos gostos e desejos pessoais do leitor, levam aos problemas que movem esta pesquisa: É possível dizer que existe um tipo de colecionismo bibliográfico nos perfis literários do *Instagram*? Qual a dinâmica do colecionismo bibliográfico no *Instagram*? Qual a motivação do leitor que possui um perfil literário no *Instagram* para colecionar livros, criar uma biblioteca pessoal e compartilhá-los na rede?

1.1 JUSTIFICATIVA

As tecnologias presentes na sociedade da informação fazem algumas pessoas pensarem que tudo se resume a ferramentas tecnológicas, e que o livro físico, por exemplo, desaparecerá porque, afinal, está tudo disponível na Internet. Em controvérsia a essa ideia de soberania tecnológica, o livro físico se mantém firme e forte e prova a cada dia o seu valor e importância.

Colecionadores, bibliófilos e amantes de livros em geral evidenciam a partir de suas coleções o livro como objeto colecionável, agregando valor às obras e investindo significados que vão além da percepção das outras pessoas (NUNES, 2012).

Os livros escolhidos para fazer parte de uma coleção são de alguma forma representativos para seus donos, pois aos olhos dos colecionadores, carregam em si muito mais que letras, dentro da coleção cada obra detém um valor e o conjunto inspira uma função [...] (NUNES, 2012, p. 45-46).

O sentimento de um leitor pelo livro é de valor incalculável, que só a alegria e a satisfação de vê-lo em sua estante pagam. Somando a paixão pelos livros a ferramentas tecnológicas, leitores e colecionadores bibliográficos conseguem aumentar suas coleções e ainda compartilhá-las com outras pessoas através de redes sociais.

O *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos curtos que conta com mais de um bilhão de usuários no mundo (INSTAGRAM, c2018). Existem inúmeros tipos de perfis na plataforma, inclusive perfis literários, onde os usuários, geralmente leitores, compartilham informações sobre o mundo literário, criam redes de contato e fazem parcerias.

Partindo de um gosto pessoal por colecionar livros e como usuária do *Instagram* sendo seguidora de perfis literários, busco através dessa pesquisa não só conhecer os colecionadores de livros e suas motivações, mas também retomar o colecionismo bibliográfico como pauta na Biblioteconomia. Os acervos e coleções de bibliotecas institucionais ganham maior destaque na área dos estudos da Biblioteconomia, com seus livros usados para a disseminação da informação e do conhecimento, assim a formação das bibliotecas pessoais acaba por ser deixada um pouco de lado.

Para a Biblioteconomia, esta é uma oportunidade de discussão sobre a formação de coleções por um viés um pouco esquecido: o da relação do indivíduo com o livro como objeto no momento da formação de uma biblioteca particular. Sendo uma das profissões mais antigas, e mesmo assim considerada também a profissão do futuro, uma das contribuições

desse trabalho é mostrar o quanto a Biblioteconomia tradicional se mostra presente nos dias atuais, transitando por temas clássicos e contemporâneos na mesma pesquisa, trazendo a tona uma maneira diferente de se enxergar e interpretar o colecionismo bibliográfico: através de uma ferramenta tecnológica de interação social, o *Instagram*, o que possivelmente seja uma análise nova na Biblioteconomia brasileira.

Além disso, será possível entender como os leitores têm se relacionado com o objeto livro, como tem sido a apropriação social da leitura e em que medida essa ferramenta – o *Instagram* – é elemento motivador para a ampliação do público leitor. Permitindo assim conhecer as motivações do colecionador ao formar uma coleção de livros, considerando-os objetos tão especiais e levando-o ao compartilhamento dessa paixão em uma rede social.

1.2 OBJETIVOS

Objetivo geral: Identificar e discutir o colecionismo bibliográfico no contexto dos perfis literários do *Instagram*.

Objetivos específicos:

- . Apresentar o conceito de colecionismo e coleções;
- . Mapear o conceito de colecionismo bibliográfico e bibliofilia;
- . Verificar os motivos que levam um leitor a se tornar um colecionador de livros, criando bibliotecas pessoais;
- . Relacionar colecionismo bibliográfico e a prática colecionadora nos perfis literários do *Instagram*.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Aqui serão apresentados o Campo da Pesquisa, as Técnicas de Coleta e Análise de dados, e a População/Amostra, com a finalidade de mostrar ao leitor como a pesquisa foi realizada, como ocorreu a seleção do material de estudo, a forma como os dados foram obtidos, entre outras informações relevantes ao entendimento de como o problema será abordado.

2.1 CAMPO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi baseada em material bibliográfico para apresentação dos conceitos que amparam o viés do tema proposto. Livros e artigos científicos relacionados ao colecionismo bibliográfico foram analisados. O colecionismo bibliográfico discutido por Pedrão e Murguia (2013), o ato de colecionar por Renault (2015), a bibliofilia descrita e vivida por Mindlin (2009), as coleções pelas palavras de Pomian (1984) e bibliotecas pessoais por Moles (1978) são algumas das referências utilizadas neste trabalho, a fim de criar uma relação entre os conceitos teóricos estudados e os dados recolhidos na pesquisa de campo.

2.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Além da revisão bibliográfica feita para determinar o viés e situar o objeto, um questionário também foi utilizado para ajudar a responder os problemas de pesquisa. Como o meio de comunicação é restrito aos canais tecnológicos por conta da distância física entre a pesquisadora e os participantes, o questionário aberto é a melhor ferramenta para a coleta dos dados necessários. O questionário foi elaborado a partir da ferramenta do Google Formulários, e o link foi enviado aos participantes via e-mail para que pudesse ser respondido.

O questionário é constituído por perguntas dissertativas, com o objetivo de deixar o participante livre para discorrer sobre as questões que envolvem sua relação com os livros e a coleção. Pretendeu-se abordar diversas peculiaridades do colecionador e da coleção, de maneira que o participante contasse sua história a partir do momento em que começou a

coleccionar, passando pelos seus motivos, relação com os livros preferidos, postura quanto a descarte, empréstimo, maneira de adquirir os itens, como organizam a coleção e até seus sentimentos sobre essa coleção ou biblioteca.

As perguntas são divididas em seis categorias: motivações pessoais; *Instagram*; estrutura e formação; formas e frequência de aquisição; estrutura física e aproveitamento da coleção.

Os dados recolhidos foram analisados e interpretados com base na revisão de literatura feita previamente, e transcritos com a finalidade de identificar a presença e a prática de colecionismo bibliográfico desses usuários do *Instagram*.

2.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA

O *Instagram* é uma ferramenta utilizada por pessoas de todo o mundo, usuários de diversos países se conectam e se relacionam através dessa rede. A *hashtag bookstagram* é movimentada e atualizada diariamente por pessoas de todos os lugares. Para esta pesquisa foi usado como recorte geográfico o Brasil, que limita não só a região abrangida, mas também o idioma, para uma melhor comunicação.

Como muitos perfis são associados a *blogs* ou canais do *YouTube*, que possuem o mesmo nome e administrador, dividindo seu conteúdo e complementando suas partes, o principal critério utilizado para a seleção da amostra foi o conteúdo do perfil ser compartilhado exclusivamente no *Instagram*, sem extensões para outras redes sociais. Os critérios utilizados visam conseguir inferir através da observação a existência de uma coleção, e são eles:

1. Possuir conteúdo publicado exclusivamente no *Instagram*;
2. Presença de estantes de livros nas fotos do *feed*;
3. Legendas com informações, descrições, opiniões e resenhas;
4. Frequência de atualização do perfil;
5. Canal de comunicação aberto com outros usuários do *bookstagram*;
6. Identificação da autora com o conteúdo postado no perfil.

Após análise e observação dos perfis de acordo com os critérios, três foram selecionados para responder ao questionário e contribuir para a construção da pesquisa: @queriaseralice, @sereia_literaria e @saymybook. Os três perfis são acompanhados pela

autora da pesquisa há mais de um ano e se encaixam nos critérios preestabelecidos para esta pesquisa, estando dentro da comunidade *bookstagram*.

3 COLECIONISMO

O colecionismo é uma prática antiga, e tem sua parcela na construção da sociedade como a conhecemos hoje. Coleções podem ser formadas por todo e qualquer tipo de objeto, basta que o colecionador sinta a necessidade de guardá-lo. No decorrer desta seção serão apresentados conceitos referentes ao colecionismo de forma abrangente e a um tipo específico de colecionismo, o bibliográfico. Perspectivas de diferentes autores serão analisadas a fim de se construir uma base bibliográfica para o desenvolvimento desta pesquisa.

3.1 COLECIONISMO E COLEÇÕES

“Colecionar é uma necessidade humana, às vezes marcada por motivos pessoais, psicológicos e até terapêuticos” (COSTA, 2009, p. 14). Vício, mania ou paixão, adquirir e colecionar objetos é uma ação que sempre existiu. Segundo Lima ([1997]), o homem é um colecionador por natureza, e mesmo não havendo um consenso sobre o surgimento do colecionismo, os homens pré-históricos já acumulavam coisas, formando assim espécies de coleções, mas sem uma sistematização como nos dias atuais.

Na Idade Antiga, o colecionismo era praticado principalmente por povos que conquistavam outros povos. As tumbas dos faraós eram repletas de tesouros e objetos de ouro e prata recolhidos por todo o império. Os romanos foram os maiores colecionadores da antiguidade, acumulando objetos dos povos egípcios, gregos e judaicos com o objetivo de mostrar a superioridade romana sobre esses povos, e principalmente sobre os gregos, com quem o relacionamento não era nada pacífico (MEDIUM, 2016).

As coleções demonstravam a fineza, a educação e o bom gosto da elite romana, dos ricos e dos templos. Certas coleções cresciam tanto, a ponto de ser necessária a construção de anexos aos templos, para conseguir abrigar a enorme quantidade de objetos que eram acumulados (MEDIUM, 2016).

O colecionismo teve diversas fases, e suas mudanças ocorriam junto às mudanças da sociedade. Renault (2015) caracteriza o ato colecionador destacando três épocas da história:

1. Renascentista: caracterizado por um espírito pré-científico em torno da empiria e movido por uma curiosidade que levava a colecionar os objetos em exaustividade, porém tendendo à unicidade;

2. Iluminista: tendo como principal característica o acirramento do espírito científico e o aprimoramento dos arranjos das coleções. Foi neste período que surgiram os primeiros grandes sistemas classificatórios orientados por parâmetros científicos;
3. Contemporâneo: marcado pela serialização dos objetos e pelo acirramento do consumo (RENAULT, 2015, p. 70).

Apesar da tentativa de caracterização das fases do colecionismo, Renault (2015) diz que essas características não são “estaque em suas temporalidades, pois podemos encontrar traços característicos de determinada época em outras completamente distintas” (RENAULT, 2015, p. 70).

Pedrão e Murguia (2013) datam o colecionismo como hoje conhecemos, do século XVI, onde “primava o gosto pelo diferente, desconhecido e curioso, sendo o colecionismo uma atividade desenvolvida principalmente por príncipes, pelo alto clero e pelos humanistas”. (PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 400).

Posteriormente, com a diversidade de ocupações e interesses, as coleções caíram no gosto de acadêmicos, cientistas e estudiosos, dando-lhes outras funções: principalmente a possibilidade do estudo baseado na observação de objetos capazes de enunciarem saberes através de sua aproximação e arranjo. Colecionar significava também ter conhecimento e, cada vez mais com a evolução dessa prática, as coleções buscavam representar e contar o mundo da forma mais objetiva possível. (PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 400).

Pessoas com menor poder aquisitivo também iniciaram a prática do colecionismo na época, junto com a expansão do comércio, que serviu de impulso para outras atividades colecionistas, como o mercado de coleções. Com o surgimento dos comerciantes especialistas em artigos exóticos, a prática que era restrita à corte se tornou uma prática de mercado, servindo como iniciativa para os primeiros catálogos de peças para coleções (PEDRÃO, MURGUIA, 2013).

“Colecionar objetos, independentes quais e quantos sejam, é um *hobbie* prazeroso, às vezes oneroso e que pode durar muito ou pouco tempo, dependendo das motivações do colecionador e no sentido e intenção que ele vê para sua coleção” (COSTA, 2009, p. 17). No “Dicionário do Livro”, Faria e Pericão (2008) dão algumas definições de coleção:

[...] reagrupamento voluntário de documentos, objetos, informações de diversas proveniências, etc. reunidos em função da semelhança de uma ou de várias das suas características, afinidades de assunto, formato, época, etc.;
[...] conjunto de peças da mesma natureza selecionadas por razões de raridade, singularidade ou beleza, constituído por um organismo, juntas e classificadas, com finalidades instrutivas, utilitárias ou recreativas [...] (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 175).

O colecionismo, ainda por Faria e Pericão (2008, p. 177), é definido como “gosto e empenho em juntar objetos com características idênticas, com vista a formar coleções com eles”. Apesar desta definição, uma coleção pode ser formada por objetos diferentes, possuindo como característica em comum um momento, um sentimento ou uma relação subjetiva entre objeto e colecionador.

Pomian (1984, p. 51) discorre sobre os tipos de objetos colecionáveis dizendo que “deparam-se-nos os objectos mais inesperados que, pela sua banalidade, pareceriam incapazes de suscitar o mínimo interesse”. E ainda que “pode-se constatar sem risco de errar que qualquer objecto natural de que os homens conhecem a existência e qualquer artefacto, por mais fantasioso que seja, figura em alguma parte num museu ou numa colecção particular” (POMIAN, 1984, p. 51). Ou seja, não existem limites do que pode ser colecionado. Não há regras prescritas para se formar uma coleção, quem as faz é o colecionador. Ele desenvolverá e organizará a coleção de acordo com seus próprios princípios, gostos e desejos.

Para Pomian (1984), coleção é conceituada como:

qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1984, p. 53).

Normalmente, o colecionador trata seus objetos com um cuidado especial e os aloca em um lugar de destaque, onde ficam expostos para que possam ser vistos e admirados. Um colecionador aficionado costuma rodear sua coleção de cuidados, protegendo seus itens e controlando o ambiente ao redor para que se mantenham íntegros. Evitando até tocá-los, exceto em situações pontuais, quando precisam de limpeza, alguns reparos e até uma restauração mais delicada.

Quanto aos colecionadores mais modestos, mandam construir vitrines, preparam álbuns ou libertam, de uma maneira ou de outra, locais onde seja possível dispor os objectos. Tudo se passa como se não houvesse outra finalidade do que acumular os objectos para os expor ao olhar (POMIAN, 1984, p. 52).

Os objetos de uma coleção perdem seu valor econômico individual, e até mesmo suas funções utilitárias, tornando-se valiosos e importantes somente quando são partes integrantes de tal coleção. “É assim com cada coisa, que acaba neste mundo estranho [das coleções] onde a utilidade parece ser banida para sempre. [...] Ainda que na sua vida anterior tivessem um uso determinado, as peças [...] de colecção já não o têm” (POMIAN, 1984, p. 51).

Grecco (2003) associa o colecionismo à ideia de posse, gerando assim uma relação de propriedade e poder sobre o objeto, tirando dele a sua funcionalidade e exteriorizando o seu lado simbólico. A finalidade utilitária dos objetos de uma coleção é anulada no momento que eles passam a integrar esse conjunto, sua função a partir deste instante é simplesmente agradar aos olhos de quem o admira.

Os objetos da coleção possuem um valor muito particular, que é agregado pelo próprio colecionador a partir de sua relação com eles, através de memórias, sentimentos e momentos representativos, que os tornam especiais ao ponto de valer a sua incorporação à coleção. Belk (1995 apud FARINA; TOLEDO; CORRÊA, 2006, p. 4) diz “não haver uma única motivação para se colecionar e nem um único significado para o prazer de se fazer uma coleção”.

Uma coleção muitas vezes começa sem a intenção de colecionar, acontece como algo natural. Os sentimentos e os gostos do colecionador são as grandes alavancas para o desenvolvimento de uma coleção. A relação do dono com os objetos nem sempre é entendida pelos espectadores, mas isso não importa, uma coleção é algo particular e individual, movida e alimentada pelas paixões do colecionador, que entende e sente a razão de cada objeto presente ali. “No momento que um indivíduo agrega valores a um objeto e não o utiliza mais em sua função primária, tornando-o parte de uma coleção, a prática do colecionismo tem início” (NUNES, 2012, p. 25).

3.2 COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO E BIBLIOFILIA¹

As coleções podem ser de diferentes tipos e segundo a intenção do colecionador (MURGUIA, 2009). A interpretação e descrição das coleções também variam, mas elas sempre serão “uma reunião de objetos que age como extensões da personalidade” do colecionador. (PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 399).

Os estudos de coleções [...] desvendam as obscuras relações que o sujeito estabelece com os objetos. Dentre esses objetos, notadamente, o livro merece especial atenção pelas imbricações pessoais e culturais que apresenta sua posse, bem como pelas suas características essenciais de suporte e de informação. Nesse sentido, acreditamos que o colecionismo de livros vai além da informação, pois a sua apropriação material está permeada por motivos diversos, que não unicamente a criação do conhecimento (MURGUIA, 2009, p. 87-88).

¹ O tema ‘bibliofilia’ não é o objeto central desta pesquisa, por outro lado, uma vez relacionado com o tema colecionismo bibliográfico, consideramos importante abordá-lo neste trabalho.

O colecionismo bibliográfico, frequentemente, se dá pelo livro como objeto, e não somente como fonte de informação, como é na Ciência da Informação, onde são priorizadas as informações e o conteúdo, independente da materialidade do suporte. Murguia (2009) discorre que

existem no livro características determinadas pelo seu suporte, pelos valores a ele atribuídos como símbolo social, como fetiche ou como lugar da memória, que acionam certos dispositivos subjetivos e pessoais que levam a sua posse e coleção. (MURGUIA, 2009, p. 102).

“Colecionar livros é uma atividade multifacetada. Talvez seja a forma mais rica e ambígua de colecionar” (BLOM, 2003, p. 228). A forma como os livros são escolhidos e tratados por seus colecionadores justifica a frase de Blom (2003), alguns escolhem livros grandes, outros livros com encadernações expressionistas, livros de um período específico ou de determinado autor, e até mesmo, livros que passaram por certas situações antes de chegarem as suas mãos. As características do objeto e o motivo para colecioná-lo são inúmeros, e somente o livro permite essa amplitude de opções. “Em nenhum outro lugar o ato de colecionar tem faces mais diversas do que entre aqueles que investem seu capital, temporal e financeiro, em livros” (BLOM, 2003, p. 229).

Livros podem ser aqui definidos, segundo o “Dicionário do Livro” de Faria e Pericão (2008), como um “conjunto de cadernos, manuscritos ou impressos, costurados ordenadamente e formando um bloco”. A mesma obra possui ainda outros verbetes relacionados ao conceito de livro, onde é descrito como: “dirige-se a um leitor, possui uma finalidade: a reflexão, o ensino, o conhecimento, a evasão, a difusão do pensamento e a cultura” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 458-459).

O conceito de livro pode se relacionar diretamente com o conceito de semióforo. De acordo com Chauí (2000), semióforo é um conjunto de coisas carregadas de simbolismos, repletas de significação, podendo remeter a vários sentidos e ainda produzir outros, possuindo uma característica fundamental: a sua singularidade.

[...] um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (CHAUÍ, 2000, p. 7).

Pomian (1998) usa o semióforo para situar e conceituar o livro: um suporte da obra literária, constituído de letras e frases de acordo com determinada língua, possuindo imagens e cores, feito de folhas de papel coladas à capa, impressas e arrumadas em determinada ordem, tudo isso “para programar o comportamento de um destinatário e fazer dele um leitor” (POMIAN, 1998, p. 77).

Visto sob este ângulo, o livro já não é só um objecto visível: remete para um destinatário que lhe é exterior ou para um significado invisível que se supõe poder ser extraído por aquele ao lê-lo. [...] Nesta perspectiva, o livro é um semióforo: um objecto visível investido de significado (POMIAN, 1998, p. 77).

Constituindo uma coleção, o livro sendo um semióforo “agrega outros significados além da informação, isto é, quando além de sua materialidade, ele agrega sentimentos e significados particulares” (PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 403). Para ser semióforo, o livro precisa ser reconhecido como livro:

Ser semióforo é uma função que o livro só conserva quando se adopta face a ele uma das atitudes programadas pela sua própria forma: quando o lemos ou o folheamos ou, pelo menos, quando o colocamos nas prateleiras da nossa biblioteca, de uma livraria, de uma loja de alfarrabista. Trata-o também como semióforo aquele que o preserva por ver nele um livro, sem no entanto estar disposto a lê-lo, ou que só vê nele um objecto estranho ou precioso que, por essa razão, resolve guardar. E aquele que o manda queimar, convencido de que pode exercer uma influência nociva sobre os leitores ou por querer destruir as produções escritas de um grupo, com o fim de destruir esse mesmo grupo. [...] É verdade que a própria aparência de um livro sugere que foi produzido para ser lido ou olhado. Mas isso não basta para ser actualmente um semióforo, se ninguém for capaz de lhe reconhecer capacidade de exercer essa função (POMIAN, 1998, p. 77).

Existem diferentes tipos de livros, assim como também existem diferentes tipos de leitores. A segunda Lei de Ranganathan diz “a cada leitor, seu livro” (FIGUEIREDO, 1992), esclarecendo de forma simples e direta que o indivíduo encontrará o tipo de livro que mais lhe agrada, e é com este que irá se relacionar. A mesma regra serve para os colecionadores, que só buscarão e guardarão aqueles que os cativam, e que de alguma forma os representam. Os livros de um colecionador dizem tanto sobre ele mesmo que Blom (2003) parafraseia um ditado popular dizendo “Mostra-me tua biblioteca e te direi quem és” (BLOM, 2003, p. 229).

“Dentre as formas de colecionismo, o bibliográfico pode ser considerado o que apresenta a relação mais íntima entre colecionador e objeto. Tanto que até possui um nome específico: bibliofilia” (NUNES, 2012, p. 31). Apesar do amor pelo livro estar presente em

coleccionadores de livros e bibliófilos, e os mesmos serem usados como sinônimos, existem características que os distinguem.

José Mindlin, um grande bibliófilo brasileiro, produziu diversas obras sobre sua paixão – os livros – e em uma delas conceitua a bibliofilia como “[...] nada mais, nada menos que amor aos livros, que pode ter níveis diferentes de absorção e envolvimento” (MINDLIN, 2009). Segundo o “E-Dicionário de Termos Literários” (*online*, c2018), bibliófilo é uma “pessoa que gosta de livros, especialmente raros e preciosos, e, frequentemente, os coleciona”. O bibliófilo também os lê, não os possui somente para exibi-los na estante, ele se importa com a qualidade, a importância e o valor do livro (*online*, c2018).

A bibliofilia se caracteriza por algumas peculiaridades que cercam o livro e os interesses do bibliófilo. Segundo Costa (2009), a coleção de um bibliófilo geralmente é formada por livros com características especiais,

que fazem com que alguns deles sejam mais procurados e almejados que outros. Essas peculiaridades são: raridade, condição (estado físico do livro), primeiras edições, e outras características como erratas e autógrafos, inscrições, marginálias, *ex-libris* e o quanto é procurado (COSTA, 2009, p. 21).

Muitas dessas características tornam o livro único, despertando o interesse de muitos bibliófilos, o que causaria também alguma competição para adquiri-lo. A raridade é um fator de relevância que move a bibliofilia, mas, apesar disso, ela é relativa e dependente de outros fatores. Um livro velho muitas vezes é erroneamente classificado como raro, mas a raridade de um livro não tem relação com sua idade, ou não somente com a sua idade. Se o livro for antigo, mas ninguém se preocupa com sua existência, então ele não é raro. “A procura é que torna um livro valioso. O que torna procurado é ser desejado por muita gente, e o que o faz desejado é um conjunto de fatores, de particularidades inerentes a cada obra” (MORAES, 2005, p. 67).

Thomas Phillipps não era um bibliófilo, mas sim um bibliomaníaco² obcecado por livros, e possuía como ambição ‘ter um exemplar de todos os livros do mundo’. Sua justificativa era de que precisava salvar tudo aquilo que, de outra forma, estaria perdido: “ao formar minha coleção, comecei comprando tudo que estivesse ao meu alcance; e fui levado a isso depois de ler diversos relatos sobre a destruição de valiosos originais” (BLOM, 2003, p. 232).

2 Pessoa obcecada por livros, que os adquire compulsivamente, acumulando sem critérios de aquisição ou mesmo lugar adequado para guardar.

O patrimônio de Phillipps chegou a atingir cerca de setenta e sete mil itens, incluindo muitas raridades. Sua ambição era legar a *Bibliotheca Phillippica* ao país, mas depois de sua morte, e com a catalogação dos itens incompleta, nenhum governo ou instituição conseguiu pagar pelo preço que era pedido. Seu objetivo de possuir todos os livros do mundo descaracterizou sua coleção como biblioteca, visto que “a pura acumulação de livros não forma uma biblioteca”, então de certa maneira, a *Bibliotheca Phillippica* nunca existiu e a coleção nunca passou de uma pilha de livros (BLOM, 2003, p. 233).

Rubens Borba de Moraes foi bibliotecário, bibliógrafo e bibliófilo brasileiro de destaque internacional. Tinha mania de colecionar livros desde criança, e como leitor apaixonado guardava com prazer todos os livros que lia. Em sua vida de estudos na Europa continuou guardando todos os livros lidos, e acrescentou à sua coleção várias primeiras edições de autores modernos da época. Nesse período, sua coleção já era considerada a melhor coleção particular de livros raros do Brasil. (BANDEIRA, 2007, p. 80).

Representando seu gosto de colecionador, inicialmente, sua coleção era universalista, abrangendo os mais variados assuntos. “Só começou a colecionar brasileira³ [...] quando, em seu retorno ao país, percebeu que não tinha conhecimento da cultura e da história brasileiras” (BANDEIRA, 2007, p. 80). Então, começou a comprar, ler e guardar livros sobre o Brasil com a intenção de entender profundamente sobre o país e os fatos nacionais (BANDEIRA, 2007).

“Partidário de pequenas coleções, da restrição do âmbito de uma coleção, ficou reduzido ao que considerava fundamental” (BANDEIRA, 2007, p. 81). Se antes sua coleção abordava o Brasil de forma geral, depois seu interesse foi se apurando, optando por assuntos mais específicos. Para Rubens Borba de Moraes, “coleccionar não era somente juntar livros, mas formar um conjunto de obras homogêneas” (BANDEIRA, 2007, p. 81).

Mais tarde, vendeu sua biblioteca brasileira para José Mindlin, e adotou um princípio para sua coleção: “saber restringir o objetivo de uma coleção é a única possibilidade que se tem de formar uma biblioteca particular e não um bricabraque de livros” (BANDEIRA, 2007, p. 81).

Dono de uma biblioteca pessoal admirável, Umberto Eco, famoso escritor, filósofo e bibliófilo italiano, foi questionado sobre uma situação hipotética, em que sua casa pegaria fogo e ele precisaria decidir que obra proteger primeiro. Como resposta, ele disse:

3 “Todos os livros sobre o Brasil impressos desde o século XVI até fins do século XIX, e os livros de autores brasileiros, impressos no estrangeiro até 1808” (BANDEIRA, 2007, p. 80).

[...] eu arrancaria meu disco rígido de 250 gigabytes, contendo todos os meus escritos dos últimos trinta anos. Depois disso, se ainda tivesse a possibilidade, tentaria salvar, naturalmente, um de meus livros antigos, não necessariamente o mais caro, mas o que aprecio mais. Só que: como escolher? Sou amigo de um grande número deles. Espero não ter tempo para refletir muito. Digamos que talvez eu pegasse o *Peregrinatio in Terram Sanctam*, de Bernhard Von Breydenbach, Speir, Drach, 1490, sublime por suas gravuras em diversos cadernos dobráveis (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 38).

Como bibliófilo, escolher um único livro de sua coleção é quase impossível. Afinal, não são apenas valores monetários que estão em jogo, mas toda a história que envolve a aquisição do livro, os sentimentos e a relação entre o objeto e o colecionador.

O bibliófilo, sendo um leitor, estrutura, ordena e compreende sua biblioteca, por mais estranhas que sejam suas regras para isso. Independente da temática da coleção bibliográfica é possível organizá-la de maneira a encontrar cada item e ainda assim ditar a história da própria biblioteca.

“A biblioteca, o espaço onde os livros são postos em ordem e classificados e não apenas misturados em pilhas de títulos sem ligação, torna-se ela mesma uma história; dentro dela, pelo menos, as coisas têm um lugar no plano geral das coisas, em suas estantes” (BLOM, 2003, p. 235).

O livro como semióforo é passível a interpretações pela sua significação e a relação com o colecionador. Assim também são os assuntos de que tratam os livros, que podem ser todos os imagináveis possíveis. “[...] enquanto qualquer coisa pode ser colecionada, todos os assuntos serão com o tempo, tratados num livro” (BLOM, 2003, p. 240). Permitindo assim ao colecionador de livros e ao bibliófilo colecionar o que mais ele desejar, dentro de sua coleção de livros.

4 BIBLIOTECAS PESSOAIS

A biblioteca pessoal retrata a paixão dos colecionadores de livros, e para muitos ela é o resultado de leituras marcantes. O colecionismo bibliográfico, por vezes, resulta em uma biblioteca pessoal, onde os livros possuem papel importante na história de vida do indivíduo, seja na área pessoal ou profissional. Nesta seção serão expostos conceitos e pensamentos de alguns autores acerca de bibliotecas pessoais e as demais denominações que elas podem receber.

A temática bibliotecas pessoais está muito mais presente na prática, em sua constituição material e física, do que no seu estudo teórico. Em 1978, Moles comentou sobre isso em um artigo, dizendo que “a biblioteca pessoal ou particular praticamente nunca foi analisada na literatura científica ou nos estudos documentários” (MOLES, 1978, p. 39). Em 2018, Ferreira e Seara dizem o mesmo em uma dissertação de mestrado: “o resultado da pesquisa efetuada permite dizer que não é abundante a literatura sobre o estudo de bibliotecas privadas em Ciência da Informação [...]” (FERREIRA; SEARA, 2018, p. 5), apontando a História como a área que mais se interessa pelo assunto, por envolver a memória individual (FERREIRA; SEARA, 2018).

Apesar da escassez de literatura é possível conceituar e posicionar esse tipo de biblioteca. Mesmo parecendo sinônimos, existem pequenas distinções entre os conceitos de biblioteca envolvendo os tipos pessoal, particular e privada. No “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia” de Cunha e Cavalcanti (2008), os autores conceituam biblioteca pessoal e biblioteca privada; onde biblioteca pessoal é o mesmo que “biblioteca ou acervo pertencente a um indivíduo” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 52). Enquanto biblioteca privada é “biblioteca mantida por um indivíduo ou organização e destinada a uso próprio” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 52).

Já no “Dicionário do Livro”, Faria e Pericão (2008) definem biblioteca particular e biblioteca privada. Em biblioteca particular o verbete diz “ver biblioteca privada”, e sobre esta diz: “biblioteca criada e sustentada por um particular ou instituição para seu uso exclusivo, com ausência de recursos públicos [...]” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 104). Com base nesses conceitos, é possível inferir que o uso do termo biblioteca pessoal seria utilizado para descrever o acervo de uma pessoa, um indivíduo que o mantém para uso próprio, em um espaço pessoal. Já o termo biblioteca particular ou biblioteca privada, além de pertencer a uma pessoa, também poderia ser relacionado a acervos de instituições, sendo normalmente de acesso fechado, com viés especializado e uso exclusivo a usuários autorizados.

Como os estudos sobre o assunto são limitados, não existe um termo que seja mais utilizado. Normalmente, biblioteca pessoal, particular e privada são termos usados para falar sobre a mesma coisa, como equivalentes. E o sentido que prevalece é o mesmo, uma coleção de livros cercada de sentimentos e características pessoais de seu colecionador.

Na história das bibliotecas, a biblioteca pessoal foi base na criação de grandes bibliotecas. De acordo com Martins (1996),

Grande parte das bibliotecas gregas pertenciam a particulares como é o caso das bibliotecas de Eurípides, Teofrasto e Aristóteles. A primeira biblioteca particular antes de Alexandria foi a biblioteca de Aristóteles que foi elaborada, em primeira parte, graças ao generoso subsídio de Alexandre (MARTINS, 1996, p. 77).

Bezerra e Silva (2008) afirmam que as primeiras bibliotecas particulares foram criadas por pessoas que pretendiam reunir um acervo que atendessem as suas próprias necessidades. Na mesma perspectiva, Ferreira e Seara (2018) refletem sobre a biblioteca privada ser o reflexo do homem, apontando critérios e motivos da sua origem, como por exemplo, obras relevantes para a sua formação e o trabalho, sendo frequente encontrar notícias que envolvem bibliotecas de médicos, advogados, clérigos e professores (FERREIRA; SEARA, 2018). Essas bibliotecas se tornam ainda mais pessoais quando seus donos a mantêm em constante movimentação, fazendo anotações e deixando suas próprias marcas e impressões nas páginas dos livros.

Bezerra e Silva (2008), dizem ainda que “muito do conhecimento de um povo se mantém pelas coleções particulares de livros de reis, grandes senhores, filósofos, intelectuais, colecionadores de livros e bibliófilos” (BEZERRA; SILVA, 2008).

É possível enxergar isso ainda hoje, como no caso de José Mindlin, bibliófilo brasileiro que formou a maior biblioteca pessoal do país. Mindlin doou todo seu acervo para a Universidade de São Paulo, que o transformou na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. O acervo que conta com mais de 32 mil títulos em quase 60 mil volumes reunidos ao longo da sua vida, hoje está disponível para estudantes, pesquisadores e para o público em geral que se interesse pela Coleção Brasileira (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, *online*). Para Bezerra e Silva (2008) “[...] uma biblioteca particular é tida como verdadeiramente importante quando ela consegue ser útil à população [...]” (BEZERRA; SILVA, 2008), e esse é o compromisso da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: “conservar, divulgar e facilitar o acesso [...] e promover a disseminação dos estudos de assuntos brasileiros por meio de programas e projetos específicos” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, *online*).

Outra figura renomada no mundo dos livros é Fernando Pessoa, grande nome da literatura portuguesa reconhecido em todo o mundo. Durante os anos que viveu, acumulou cerca de 1300 títulos que se encontram hoje na Casa Fernando Pessoa em Lisboa, Portugal (BIBLIOTECA..., c2018).

Seus rascunhos e manuscritos se encontram na Biblioteca Nacional de Portugal, e sua biblioteca pessoal com os “livros que comprou, recebeu de amigos, ganhou, herdou, editou, leu e profusamente anotou”, consiste no maior valor da Casa Fernando Pessoa: a Biblioteca Particular Fernando Pessoa (BIBLIOTECA..., c2018). Criada como um espaço de leitura e para a leitura, a biblioteca desperta o interesse de curiosos e estudiosos sobre Fernando Pessoa como leitor, levantando questionamentos como: que livros ele leu? Quais autores escolheu? Como suas leituras influenciavam sua escrita? Uma característica que se destaca nessa biblioteca são as *marginálias*⁴, presentes em diversas páginas da maioria de seus livros (BIBLIOTECA..., c2018).

Assim como a biblioteca de Mindlin, os livros que pertenceram a Fernando Pessoa também estão disponíveis para o público. Em 2010, uma colaboração entre a Casa Fernando Pessoa, a Universidade de Lisboa e uma equipe internacional de investigadores realizaram a digitalização integral da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa. Desde então,

o conjunto de livros que pertenceu ao autor encontra-se online, acessível a partir de qualquer ponto do mundo. Só desta forma se assegura a permanência de um espólio que os anos vão acabar por apagar, e só assim se permite que circule e seja lido noutras geografias (BIBLIOTECA..., c2018).

Cada biblioteca tem sua finalidade, mesmo as bibliotecas pessoais. Amante dos livros desde criança, José Mindlin compartilhou sua coleção com uma grande universidade, possibilitando a diversas pessoas o acesso às importantes obras que reuniu depois dele mesmo tê-las usufruído. Os livros que pertenceram a Fernando Pessoa hoje estão disponíveis para o mundo todo através da internet, proporcionando acesso livre a uma biblioteca que foi de uma figura importante da história da literatura.

Outros colecionadores de livros podem ter objetivos um pouco diferentes para suas bibliotecas. Existem aqueles que só querem possuir e ter tudo somente para si, como também existem quem queira dividir seus livros e compartilhar suas experiências literárias, para que outros também possam aprender e sentir as mesmas emoções.

Moles (1978) defende a biblioteca pessoal do indivíduo intelectual e destaca duas proposições:

4 Anotações e comentários pessoais escritos na margem de um livro.

A primeira delas estabelece um contraste entre Minha biblioteca pessoal, que é uma extensão de mim mesmo, e A biblioteca pública (ou biblioteca universitária, ou a biblioteca “universal”). A minha tem limites, esses limites estão ligados a mim, eu sou a medida de meu saber. A segunda observação é que os livros que se acham em minha biblioteca são de alguma forma “sagrados”, pois são partes de mim mesmo. Assim, a menos que eu seja louco (o que acontece), eles não podem ser emprestados ou doados, do mesmo modo que o carpinteiro não empresta seu serrote ou o ginasta sua perna. (MOLES, 1978, p. 42).

A biblioteca pessoal, descrita por Moles (1978) e sendo a sua própria, é tão particular que cabe somente a ele o uso. É tão pessoal que só de alguém de fora espiar seus livros já é possível dizer quem ele é, o que pensa, o que faz, quais suas orientações políticas, seus gostos e seus projetos. Moles (1978) diz ainda:

minha biblioteca é minha própria visão do mundo do saber, minha biblioteca é uma extensão de mim mesmo, mais precisamente, uma extensão de meu cérebro [...]. Estudando minha biblioteca [...], podereis conhecer meu espírito (MOLES, 1978, p. 41).

A formação de uma biblioteca pessoal é, sem dúvida, muito particular, assim como seu tamanho e características. Cada indivíduo possui seus critérios de seleção e formas de organização, não existe um padrão a ser seguido. Segundo Moles (1978),

Qualquer que seja seu tamanho, ela nunca é a soma de objetos caducos. Ao contrário, a Biblioteca Particular começa, talvez, no bolso daquele artífice que comprou o Manual Dunod para bombeiros hidráulicos e vela ritualmente em sua presença quando parte em expedição profissional, ou no dicionário do serão familiar, completado por um atlas e enfeitado por um livro de figuras ou com uma edição do Robinson Crusoe (MOLES, 1978, p. 40).

Leitores apaixonados não disfarçam e nem escondem seu amor pelos livros. É comum encontrar sob seus cuidados uma coleção formada por aquelas histórias que o tocam, que o transformaram de alguma forma e os tornaram o que são. Uma biblioteca particular é repleta de significados que vão além de um simples conjunto de objetos, onde é visível o vínculo afetivo, e muitas vezes uma necessidade explícita, entre o leitor e os livros. (MAGALHÃES, 2016).

Magalhães (2016) escreveu um texto intitulado “O valor sentimental de uma biblioteca particular”, onde conta um pouco da sua história com os livros e a leitura, e fala sobre sua relação com a biblioteca que possui. “Minha modesta biblioteca simboliza não uma prateleira recheada de livros, mas verdadeiras experiências de vida, reais e/ou ficcionais” (MAGALHÃES, *online*, 2016). Expressa ainda tudo que adquiriu junto com os livros que a compõem como valores morais e éticos, sua formação profissional, seu caráter, tudo isso

junto a vivência de leitor com livros que vão da literatura clássica a obras técnicas e acadêmicas. “Ter uma biblioteca particular é exprimir em forma de material uma trajetória de emoções vivas, presentes e palpáveis” (MAGALHÃES, *online*, 2016).

Bibliotecas pessoais sempre causam curiosidade e, às vezes, até espanto a pessoas de fora. Umberto Eco possuía uma notável biblioteca pessoal em sua residência, de modo que era impossível os visitantes não notarem tantos livros e estantes. Em um ensaio intitulado “Como justificar uma biblioteca particular”, publicado no livro “O segundo diário mínimo”, Eco (1994) aponta possíveis respostas a perguntas feitas por tais pessoas, denominando a reação delas como “choque de obviedade”.

Toda pessoa que possua uma coleção considerável de livros já precisou responder a questões como ‘quanto livros! Você já leu todos?’ ou então ‘pra que mais livros, você já tem tantos!’. Mas quem não aprecia o livro e a leitura nunca entenderá o real sentimento por todos eles. Eco (1994) descreve três possíveis respostas a questionamentos de tal natureza: a primeira é uma resposta desdenhosa e perigosa, “Não li nenhum deles; senão, por que estariam aqui?”, porém esta daria margem a outras perguntas tão cheias de obviedade para o colecionador que seria terrível tentar explicar algo para alguém ignorante no assunto. A segunda seria uma resposta padrão, como a de “Roberto Leydi: “E muitos mais, senhores, muitos mais”, o que deixaria a pessoa estática e admirada. E por fim, sua afirmação mais usada, sugerindo uma estratégia ergonômica: “Não, estes são os que preciso ler durante o próximo mês, os outros eu guardo na universidade”, o que induziria o indivíduo a antecipar a despedida (ECO, 1994, p. 192-193).

A impaciência de responder perguntas óbvias para alguém que não gosta de livros e não gosta de ler, se transforma em disposição para uma longa conversa com outro apaixonado por livros. “Depois do prazer de possuir livros, não há quase nenhum mais doce do que falar deles” (BONNET, 2013), com essa frase, Jacques Bonnet marca a epígrafe de seu livro, “Fantasmas na Biblioteca”. O editor e bibliófilo francês se diz um bibliomaníaco, pois não hesita em anotar em seus livros e levá-los para todos os lugares consigo, diferente de bibliófilos que guardam seus livros como preciosidades e quase nunca os manuseiam por medo de danificá-los.

Curioso a respeito das motivações de outros colecionadores e das suas próprias, Bonnet (2013) se questiona sobre o que levaria alguém a ter uma biblioteca, e as respostas são inúmeras. No seu caso, em particular, é o desejo de concretizar a frase de Jorge Luis Borges: “sempre imaginei o paraíso como uma espécie de biblioteca”. Desejo esse vindo de sua infância, onde a leitura servia de fuga da sua realidade tediosa e rígida, fazendo-o pensar e

questionar as coisas ao redor, interrogando principalmente sobre quantos livros precisaria para construir um paraíso (BONNET, 2013).

O paraíso de um colecionador de livros é singular, e não há parâmetros para construí-lo. Para uns, um livro basta: único, especial e com todos os significados que ele pode transmitir ao seu colecionador. Para outros, é preciso séries completas, ler todos os livros de um autor, conhecer todas as épocas e dramas, percorrer várias visões de mundo ou se especializar em um gênero (TERRA, 2013). Bonnet (2013) não considera sua biblioteca como especializada, pois ela é especializada em tantos domínios que acaba por se tornar generalista.

Se incluindo no grupo dos bibliomaníacos, Bonnet (2013) os separa em dois gêneros: os colecionadores e os leitores obstinados. Os colecionadores se subdividem ainda em especialistas – que se apegam a um autor, um gênero, ou qualquer outra característica que na maioria das vezes faz sentido somente ao próprio colecionador – e acumuladores – para os quais a caçada é o mais importante, a leitura das obras é dispensável e quando a coleção se completa, perde todo seu valor e o interesse desaparece.

Os leitores obstinados, onde o próprio Bonnet se encaixa, acumulam livros para saciar sua curiosidade, desvendar histórias, adquirir conhecimentos e descobrir emoções por trás de cada palavra presente nos livros. A biblioteca pessoal de um leitor obstinado é construída quase que por acidente, com livros espalhados por todos os cômodos da casa, e sempre encontrando motivos para guardar todos os que já leu (BONNET, 2013).

Uma biblioteca pessoal já se resume em si mesma: pessoalidade, características de quem a cria, as motivações pessoais e a relação íntima entre o dono e as histórias que permeiam cada item. O amor pelos livros que a constitui somente é entendido por seu dono e colecionador, que a conhece bem e compreende o papel, a importância e o valor de cada um que ali se encontra. “O livro é a materialização de uma emoção, ou a possibilidade de ter uma algum dia, e separar-se dele faria o leitor correr o risco de uma ausência grave” (BONNET, 2013).

5 O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO NO *INSTAGRAM*

Nesta seção, os conceitos discutidos anteriormente serão confrontados com as práticas colecionadoras do século XXI, incluindo as possíveis ferramentas que auxiliam e fazem parte dessa prática.

5.1 *INSTAGRAM*

A internet é um mundo, onde cabem mais diversos outros mundos, uma ferramenta para todo tipo de coisa. A web 2.0 permitiu que a internet fosse além do conteúdo estático, onde só se conseguia fazer leitura. Como uma plataforma de aplicativos e serviços com aperfeiçoamento contínuo, na web 2.0 é possível pesquisar, criar, copiar, compartilhar, se relacionar, e outras infinitudes de coisas e situações que a caracterizam como colaborativa.

Pessoas com os mesmos interesses vão aos mesmos lugares para compartilhar sobre eles, o mesmo acontece na internet. Redes de contato e comunidades virtuais são criadas para que tais indivíduos possam ter um lugar para partilhar seus interesses e trocar ideias. As comunidades virtuais são criadas justamente com esse intuito: aproximar pessoas com os mesmos interesses, valores, práticas e comportamentos (QUEIROZ, 2015).

Lançado em outubro de 2010, o *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de imagens e vídeos que hoje possui mais de um bilhão de usuários ativos (INSTAGRAM, c2018). A plataforma do aplicativo é compatível com celulares *Android* e *IOS*, e pode ser baixado gratuitamente. A partir dele é possível tirar fotos, gravar vídeos curtos e aplicar filtros nas imagens que são compartilhadas com os seguidores do perfil.

A interação no *Instagram* é realizada através de curtidas e comentários nas fotos postadas. O usuário tem a opção de deixar seu perfil aberto, para que todos os outros usuários da rede possam ver o que ele compartilha, ou deixar seu perfil restrito, assim só pessoas que o seguem podem interagir em suas publicações.

Como uma rede social, o *Instagram* também possui suas comunidades e nichos. Além de perfis pessoais existem também os perfis temáticos, que são especializados em determinado assunto: figuras públicas, músicas, filmes e séries, restaurantes e receitas, festas e decoração, empresas prestadoras de serviços, livros e leituras, entre milhares de outras opções.

Textos e informações são escritos na legenda das imagens, onde também é possível fazer uso de *hashtags*, um recurso muito utilizado pelos usuários da rede social. As *hashtags* funcionam como etiquetas e são definidas por Cunha (2012) como

todo conteúdo textual imediatamente precedido pelo símbolo cerquilha (#), conhecido em inglês como *hash sign*, [...] criadas livremente pelos membros da rede a fim de adicionar contexto e metadados às postagens, funcionando muitas vezes como palavras-chave (CUNHA, 2012, p. 4).

O mecanismo das *hashtags* permite localizar e agrupar todo o conteúdo daquele determinado assunto, facilitando assim o encontro de pessoas com interesses em comum. Outro ponto positivo da *hashtag* é a ampliação da rede de contatos, pois é possível encontrar imagens que foram descritas com a mesma palavra-chave por pessoas que não fazem parte da sua rede de amigos, e ainda evidenciar a *hashtag*, tornando-a conhecida e atraindo mais pessoas.

A inclusão de uma hashtag [...] sugere que o autor esteja conectando o conteúdo da mensagem a uma palavra-chave específica, a qual, além de complementar a informação contida no texto e de aumentar a sua compreensibilidade graças à adição de um metadado, permite o fácil acesso [...] por outras pessoas interessadas no mesmo tópico (CUNHA, 2012, p. 5).

O uso das *hashtags* permite a criação de comunidades no *Instagram*, nas quais muitas das vezes as pessoas interessadas criam um nome específico para identificar o grupo e facilitar o contato e a recuperação das imagens e informações postadas, o que direciona os nichos temáticos.

5.2 BOOKSTAGRAM

Um dos nichos temáticos do *Instagram*, que reúne os mais diferentes assuntos relacionados ao mundo dos livros e da literatura, é o *Bookstagram*, que hoje possui mais de 24,6 milhões de imagens identificadas por esta *hahstag*. Uma definição prática do *bookstagram* é

uma hashtag do Instagram usada para denotar uma foto relacionada ao livro. Pode ser uma imagem de alguém lendo o livro, o livro em si ou objetos que evocam algo (enredo, personagens, temas) do livro. As imagens podem ser do ponto de leitura preferido do leitor em casa, uma foto de levar o livro em

uma aventura ou férias, ou um café ou livraria local favorito (WHITE, *online*, 2017).

A primeira vez que a *hashtag bookstagram* foi utilizada data de 2012, onde um gato debruçado sobre um livro aberto aparece na foto (SOARES, 2012). O perfil que publicou essa foto não é literário, é simplesmente um perfil pessoal, de uma pessoa que gosta de ler e eventualmente postou sua leitura do momento na companhia de seu animal de estimação.

A *hashtag* ficou mais conhecida após conquistar o público com um quiz literário criado por uma livreira cujo nome do perfil é @binatravassos, o qual a mesma descreveu como sendo ‘uma brincadeira sobre livros’.

Fotografam-se excertos de obras em papel e, depois, partilha-se a imagem usando a "hashtag" #bookstagram (uma etiqueta que permite classificar e procurar as imagens) seguida de um número. Os demasiados membros da comunidade têm então de adivinhar quem é o autor da citação fotografada (SOARES, *online*, 2012).

Na época, a *hashtag* foi movimentada principalmente por leitores que entraram no jogo de adivinhação, mas aos poucos ela foi se expandindo e alcançando outros contextos.

Grande parte das fotografias classificadas com a etiqueta #bookstagram não mostra exactamente excertos, mas sim capas de livros, bibliotecas, estantes, uma sequência de lombadas numa prateleira. Tudo leva a crer, portanto, que a "hashtag" começou por ser usada para designar, de um modo genérico, fotos relacionadas com livros (SOARES, *online*, 2012).

Hoje o *bookstagram* é movimentado por fotos das mais simples até as tão elaboradas que parecem feitas em estúdios ou para propagandas.

A estética do #Bookstagram pode variar de uma simples e limpa tomada do livro sozinha em uma mesa até arranjos complexos que parecem ter levado um dia e um estúdio para montar. #Bookstagram é para todos os amantes de livros e qualquer pessoa com um telefone inteligente pode se juntar à diversão (WHITE, *online*, 2017, tradução nossa).

Por simples leitores apaixonados, iniciantes e colecionadores de livros, o *bookstagram* também é usado como vitrine para expor suas amadas estantes, mostrando suas valiosas coleções, nem sempre de valor econômico, mas com altíssimo valor emocional. Essa exposição possibilita o contato com os mais variados públicos, atraindo tanto outros leitores, pessoas não leitoras, outros colecionadores e até profissionais do mercado do livro.

As relações criadas nesse espaço muitas vezes se justificam na falta do contato físico com outros leitores. O hábito da leitura não é muito comum no Brasil, e as redes sociais, e

neste caso, o *bookstagram*, funciona como uma ponte direta, ligando leitores e possibilitando a aproximação destes, o que é mais complicado fora das facilidades da internet.

A *hashtag bookstagram* é usada para categorizar a comunidade literária do *Instagram*, e é considerada a categoria mais ampla. Existem outras *hashtags* que também marcam as fotos literárias, e elas funcionam como divisões da categoria como, por exemplo, a *#bookaholic*, que significa e marca os viciados em livros; a *#books*, mais simples e direta que significa livros; *#bookhaul* que é usada para marcar os livros recebidos, entre outras.

As *hashtags* que possuem um importante papel nesta pesquisa são a *#bookshelf* e a *#bookshelftour*. Com mais de dois milhões de publicações, a *#bookshelf*, traduzida do inglês como estante de livros, marca as fotos onde os livros aparecem arrumados nas estantes. A *#bookshelftour* é usada para marcar um passeio pelas estantes, Silva (2017, p. 44) explica que “são vídeos feitos com a intenção de mostrar a estante de livros [...]. Neles, são tecidos curtos comentários sobre os principais livros lá mostrados, muitas vezes destacando alguns, além de outras informações sobre arrumação e organização da estante”.

5.3 O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO RESSIGNIFICADO: OS PERFIS LITERÁRIOS NO *INSTAGRAM*

O tema de muitos debates envolvendo o livro físico hoje é o desaparecimento do mesmo, por conta de toda a tecnologia que se atualiza a cada dia. Existem aquelas pessoas que acreditam firmemente que não existirão mais livros no futuro, e se justificam na facilidade e praticidade das tecnologias para elaborar um discurso sobre isso. Por outro lado, existem também aquelas que consideram essa ideia ilusória, e possuem uma base coerente para fundamentar sua reflexão.

Pensemos no blecaute de Nova York, em julho de 2006. Imaginemos que tivesse se estendido e prolongado. Sem eletricidade, está tudo irremediavelmente perdido. Em contrapartida, ainda poderemos ler livros, durante o dia, ou à noite à luz de uma vela, quando toda a herança audiovisual tiver desaparecido (ECO; CARRERIÈRE, 2010, p. 30).

Em “Não contem com o fim do livro”, Eco e Carrière (2010) debatem sobre o assunto apontando as evoluções e transformações do suporte da escrita desde o papiro até os livros digitais em suportes eletrônicos. Os autores defendem a coexistência dos diferentes objetos e dizem ainda que a história do livro e o amor a eles os salvarão de qualquer possibilidade de desaparecimento.

O colecionismo bibliográfico discutido nesta pesquisa é amparado e justificado pelo amor e envolvimento emocional do colecionador para com o livro. A necessidade dessa relação física e concreta com o objeto livro, muitas vezes resulta na criação, voluntária ou involuntária, de uma coleção de livros, e até uma biblioteca pessoal.

Para identificar a existência de colecionismo bibliográfico no *Instagram* foram selecionados três perfis literários que evidenciam, através de suas fotos e do conteúdo publicado, este tipo de colecionismo. Cada perfil foi analisado seguindo os critérios pré-estabelecidos para a seleção, tendo como maior relevância possuir conteúdo publicado exclusivamente no *Instagram*.

O primeiro contato, informal, se deu através do próprio *Instagram*, onde foram esclarecidos o tema e o assunto da pesquisa, junto ao questionamento se a pessoa se considerava um colecionador de livros. Após uma resposta positiva foi exposta a proposta da aplicação de um questionário acerca do colecionador, da coleção e do perfil literário no *Instagram*.

O primeiro perfil selecionado foi o @queriaseralice⁵ que é administrado por Ana Cláudia Gauer, estudante, 20 anos, de Santa Catarina. O perfil possui 14,4K de seguidores (mais de quatorze mil) e atualiza seu conteúdo frequentemente. Com quase 400 publicações desde 2015, a interação com os seguidores e outros usuários da rede gera dezenas de comentários e centenas de curtidas nas fotos postadas.

O @queriaseralice chama atenção de primeira pelas belas composições fotográficas, combinando livros, ângulos e elementos relacionados à história para expressá-la através da imagem. As fotos de tonalidade clara, sem filtros pesados e excessivos, atraem os usuários para conhecer o perfil, e estes são conquistados definitivamente pela escrita nas legendas.

5 A administradora do perfil autorizou a identificação e exposição do seu nome pessoal e do perfil do *Instagram* nesta pesquisa.

Figura 1 - Perfil do Instagram: @queriaseralice



Fonte: https://instagram.com/queriaseralice?utm_source=ig_profile_share&igshid=ocbclp9ox3l8

Além de compartilhar a sinopse do livro, também é possível encontrar resenhas, indicações, comentários e notas para as histórias. Não existe um gênero literário que predomine este perfil, os livros vão de romances a thrillers psicológicos, e demais gêneros da literatura não só brasileira, mas também estrangeira.

Outro perfil selecionado foi o @saymybook⁶, administrado por duas irmãs de Goiânia. A respondente do questionário é Jéssika Sena, dentista, 25 anos. O perfil, criado em 2014, possui 18,2K de seguidores (mais de dezoito mil) e o conteúdo é atualizado diariamente. No *feed* constam mais de 600 publicações e as interações com os seguidores são constantes.

⁶ A administradora do perfil autorizou a identificação e exposição do seu nome pessoal e do perfil do *Instagram* nesta pesquisa.

Figura 2 - Perfil do Instagram: @saymybook



Fonte: https://instagram.com/saymybook?utm_source=ig_profile_share&igshid=1mzk3dg22p05u

Além das fotos publicadas, o @saymybook também é muito ativo nos *stories*⁷, produzindo vídeos diariamente, promovendo enquetes e deixando o canal de comunicação aberto e descontraído caso alguém queira tocar algumas ideias sobre livros.

O *feed* é bem colorido e as fotos ganham vida e alegria com os arranjos e objetos que são acrescentados, assim como elementos criativos que ajudam a contextualizar a história do livro fotografado. Um destaque especial vai para os *Funko Pop*, bonequinhos caricatos de personagens de histórias, que ilustram ainda mais as fotos. Aqui também não encontramos um gênero literário favorito explícito, os livros são bem diversificados, o que atrai todo tipo de leitor.

Com indicações de leituras, resenhas, *quotes*⁸ e até bate-papos, as legendas são identificadas pelo uso de marcadores e *hashtags*. Por ser administrado por duas pessoas, as publicações são sempre assinadas pela autora da vez. O @saymybook possui sua marca no

⁷ Ferramenta do *Instagram* que permite postar imagens e criar vídeos de até 15 segundos acrescentados de desenhos, *stickers* e *emojis*, que desaparecem depois de 24 horas da sua publicação.

⁸ São trechos retirados de livros; o mesmo que citação.

bookstagram, as próprias *hashtags*. Sendo palavras-chave, as *hashtags* são usadas para indicar o tipo de publicação, por exemplo, as resenhas são marcadas com #ResenhaSaymybook, os bate-papos com #ConversandoSaymybook, e ainda tem o #EspecialSaymybook que é utilizado para falar sobre assuntos temáticos, dentre outras *hashtags* em que é possível encontrar todo o conteúdo produzido e publicado pelo perfil.

O @sereia_literaria⁹ é o mais novo dos três perfis, ele foi criado em março de 2017 por Letícia Zaccaron, 13 anos, de Santa Catarina. Possui 15,1K de seguidores (mais de quinze mil) e seu conteúdo é atualizado frequentemente. Suas 190 publicações movimentam o perfil com curtidas e comentários de diversos perfis literários mais experientes.

Suas fotos são coloridas e delicadas, e também possuem elementos extras como *Funko Pop*, flores e até paisagens naturais são usadas como cenários para compor as imagens. O conceito das fotos muda de tempos em tempos, mas os livros continuam sempre em destaque e envolvidos em uma atmosfera fantástica.

Figura 3 - Perfil do Instagram: @sereia_literaria



Fonte: https://instagram.com/sereia_literaria?utm_source=ig_profile_share&igshid=18me32f00yy6w

⁹ A administradora do perfil autorizou a identificação e exposição do seu nome pessoal e do perfil do *Instagram* nesta pesquisa.

Nas legendas são compartilhadas resenhas, dicas de leitura, top favoritos e notas são concedidas às histórias. A @sereia_literaria marca suas publicações com suas próprias *hashtags*, categorizando o conteúdo das imagens, e assim, situando o seu perfil no *bookstagram*. As resenhas são marcadas com #sereiaresenhando e os livros lidos com #leiturasdomesdasereia. Ela também criou uma *hashtag* de indicações, o #sereiaindica5, onde apresenta cinco livros lidos da sua estante dentro de uma categoria escolhida e escreve sua opinião em poucas linhas.

Os *stories* da @sereia_literaria são usados para comunicação direta com os outros usuários do *bookstagram*. Com atualizações diárias, ela interage com os seguidores através dos vídeos curtos, expondo opiniões sobre suas leituras. Apesar dos gêneros literários presentes no *feed* serem diversos, é notável sua preferência por thrillers, que aparecem sempre em conjunto nas fotos postadas.

Mesmo com suas peculiaridades, o que os três perfis têm em comum é a retratação dos seus livros e estantes, que aparecem diversas vezes nas fotos e em diferentes ângulos.

Para verificar a existência do colecionismo bibliográfico observado nos perfis do *bookstagram*, foi elaborado um questionário com 20 questões abertas, e aplicado aos três perfis selecionados. Abordando questões acerca do colecionador, da coleção e do perfil literário no *Instagram*, o questionário foi dividido em seis categorias:

1. Motivações pessoais;
2. *Instagram*;
3. Estrutura e formação;
4. Formas e frequência de aquisição;
5. Estrutura física;
6. Aproveitamento da coleção.

Através da observação de cada perfil, a inferência da existência do colecionismo bibliográfico é inegável. A presença de inúmeros livros e estantes nos leva a constatar que aquela pessoa é uma colecionadora de livros. Agora analisaremos suas respostas com base no que foi estudado para poder afirmar ou não o colecionismo desses indivíduos.

Motivações pessoais: duas questões foram feitas sobre a relação do indivíduo com os livros.

Ana, do @queriaseralice se considera uma colecionadora de livros pela quantidade que possui, e também por estar começando uma coleção mais específica, edições diferentes de um mesmo título, onde entrarão somente suas histórias favoritas: Alice no País das Maravilhas e Coraline. A coleção de Ana não é acumulativa, nas suas estantes só permanecem

livros que ela gosta e pretende reler algum dia. Diz: “ao resolver colecionar alguma coisa, preciso manter apenas aquilo que eu gosto, me identifico e acrescento algo em minha vida”. E por isso se enxerga mais madura, pois prefere qualidade a quantidade, algo bem diferente do que pensaria há alguns anos.

Jéssika, administradora do @saymybook, quer ter todos os livros físicos em sua estante para ler. Dependendo da história e do seu amor por ela, até mais de uma edição. Ela também se considera uma colecionadora, e um pouco materialista, mas possuir uma estante com livros escolhidos por ela e disponíveis quando ela quiser desperta sentimentos positivos e gratificantes.

A @sereia_literaria, Letícia, também se considera uma colecionadora de livros, principalmente porque não pensa somente na leitura, mas sim na coleção como um todo e em como cada livro ficará em seu lugar nas estantes.

Para Ana, os livros são amigos, companheiros e extremamente importantes, ela os ama desde os 5 anos, quando começou a ler, e desde então não parou mais. Cada livro que entra em sua vida possui um significado diferente, afastando ansiedades, tristezas e medos, e provocando sentimentos, sensações e emoções positivas que a fazem se transformar a cada dia. “Não consigo me imaginar em um mundo sem livros. Levo sempre um comigo, por todos os lugares”.

Jéssika lê desde os 4 anos, quando foi influenciada pela escola em que foi alfabetizada, depois disso, sempre leu. Seu contato íntimo com os livros e seu hábito de leitura intenso facilitou vários momentos da sua vida acadêmica e profissional. “Eu amo ler, conhecer histórias”.

Letícia diz que todo livro a ensina um pouco, dos clássicos aos contemporâneos. “Tudo que me tornei hoje, foi devido aos livros que li e histórias que conheci”. O carinho que ela tem por cada livro não a deixa se desapegar deles, inclusive os que possui desde pequena.

Instagram: quatro questões abordados acerca da criação do perfil literário no *Instagram*.

Ana já postava fotos de livros em seu perfil pessoal, até que começou a receber um retorno muito grande e a interação com pessoas apaixonadas por livros se intensificou. A criação do perfil literário foi por influência de uma amiga, que também havia criado, e pela necessidade de ter um espaço para falar apenas de livros e de todo o universo literário. Foi aprendendo na prática a fazer resenhas e movimentar o perfil com outras postagens, e assim acabou se apaixonando pelo que virou um trabalho.

A escolha do *Instagram* como plataforma para o compartilhamento de seus livros e leituras se deu pelo *design* simples e ao mesmo tempo bonito da plataforma, que desperta a atenção dos seguidores principalmente pelas fotos, mas também pelo conteúdo das legendas. Já pensou em criar em um *blog*, mas a interação que acontece no *Instagram* é muito maior que em um *blog*, o que facilita a produção de conteúdo.

Jéssika escolheu o *Instagram* pela facilidade: tirar fotos, editar, escrever, postar e interagir com outros perfis, tudo isso ao alcance de suas mãos com uma única ferramenta: o celular. A ideia de um perfil focado em determinado assunto surgiu em uma viagem das irmãs, e assim elas decidiram compartilhar seus livros, filmes e séries favoritas através do @saymybook, sem o receio de exagerar evidenciando um assunto específico e superlotar seus perfis pessoais.

Letícia já amava fotografia, e o *Instagram* foi a ferramenta perfeita para juntar e compartilhar suas paixões. O @sereia_literaria surgiu da vontade de compartilhar seu amor pela leitura com pessoas que sentissem o mesmo amor pelos livros, já que não tinha esse contato no seu dia a dia. Os perfis gringos que já seguia a inspiraram a criar e inovar em suas próprias fotos e falar sobre seus livros e leituras também.

Ana acredita que o @queriaseralice influencia no desenvolvimento e aumento de sua coleção, tanto pela rotatividade de informações que circulam no *Instagram* diariamente a apresentando novos títulos e promoções através dos perfis de livrarias e editoras que priorizam o *Instagram* como rede de notícias e ferramenta de marketing, quanto pelo contato com outros leitores. A facilidade de alcançar pessoas com os mesmos interesses faz com que a comunidade literária do *Instagram* cresça e se conecte cada vez mais, pois os leitores se encontram para compartilhar suas opiniões, e acabam alcançando e influenciando vários outros leitores e amantes de livros, criando laços que vão além das páginas que tanto amam.

Jéssika passa horas lendo opiniões de outros leitores, e esse hábito a faz descobrir novos livros e edições constantemente, além de estar sempre por dentro das promoções e de lançamentos dos livros desejados do momento.

Letícia sempre acompanha de perto os lançamentos, e a interação com outros perfis literários a faz receber várias indicações, trocando muitas dicas de leituras também, o que influencia diretamente no aumento de sua coleção.

O @queriaseralice completou três anos em novembro, e assim como a própria Ana foi mudando no decorrer desse tempo. No início o objetivo era simplesmente postar fotos de livros e dar dicas, hoje com uma escrita mais confiante e com as composições fotográficas aprimoradas, o perfil é outro. Além das resenhas, dicas e curiosidades sobre os livros, o

@queriaseralice também possui parcerias e faz propagandas de marcas que estão ligadas ao universo literário de alguma forma, e agradam a todo tipo de leitor.

O @saymybook tem quase quatro anos e também mudou durante esse tempo. O objetivo ainda é o mesmo: compartilhar suas leituras, mas no começo não sabiam bem como fazer isso. As fotos eram bem mais simples e as legendas eram curtas. Hoje as fotos se tornaram mais atrativas e a produção de conteúdo aumentou significativamente, atraindo assim novos leitores e incentivando outros usuários da rede.

Existindo há apenas um ano e sete meses, o @sereia_literaria está em constante evolução. Letícia mudou não só o arranjo de suas fotos, mas também os livros que lê, seu gosto literário se tornou outro. Visualmente, o perfil está sempre inovando, mudando o conceito de suas fotos, mas o objetivo de compartilhar seus livros e leituras continua presente e forte.

Estrutura e formação: seis questões tinham o objetivo de conhecer a história da coleção.

Ler sempre foi um prazer para Ana que era tímida, e muitas vezes preferia ficar em casa lendo a sair com os amigos. Lia muitos livros da biblioteca da escola em que estudava, uns quatro por semana, e assim passou a conhecer obras de Clarice Lispector e Machado de Assis, por vontade própria. A coleção de Ana começou ser formada em 2012 quando sua mãe a presenteou com um livro de um autor do qual gostava muito na época, hoje não mais. Comprou outros livros do autor em revistas e ganhou outros de presente, aumentando aos pouco sua coleção.

Ana já descartou vários livros de sua coleção, alguns por não gostar mais do gênero, outros por acreditar que estariam melhores em outras mãos. Livros que não pretende ler e sabe que nunca terá vontade, também acabam indo para outra pessoa que ela sabe que adoraria tê-lo.

Para um livro fazer parte da coleção de Ana precisa despertar seu interesse verdadeiramente: livro de algum autor que conheça e goste; capas bonitas, apesar de nem sempre ser levada por elas, isso contam muito; edições especiais e colecionáveis de clássicos ou livros que já conhece, livros do seu gênero favorito e com premissas que a interessam e indicações de amigos que conheçam seu gosto. Em suma, um livro só faz parte de sua coleção se ela realmente gostar dele e pretende um dia lê-lo.

A coleção de Jéssika começou a se formar quando tinha nove anos, com livros da escola e infantis. Mas soube que queria ter a própria coleção de livros quando ganhou um exemplar de O diário da princesa, e assim ganhava um livro da série a cada ano que passava.

Em 2008, com o lançamento de *Crepúsculo*, sua coleção passou a ser desenvolvida com o verdadeiro propósito de guardar os livros que ama.

Na coleção de Jéssika só permanecem os livros que realmente deseja e goste de verdade da história, aqueles que não a agradam ou que deixou de gostar com o tempo não tem lugar em suas estantes. A combinação de capa e sinopse intrigante despertam seu interesse, se o livro possui uma dessas duas características, ela compra.

Letícia começou sua coleção em 2016, com livros infantis. Seu professor de natação levava um livro diferente a cada treino, e ela lia antes que as aulas começassem. A coleção de Letícia também só possui livros dos quais ela gosta, livros que leu e não gostou ou que as edições não são bonitas para colecionar, ela troca ou doa. Para um livro despertar seu interesse ele precisa ser um conjunto de capa e sinopse agradáveis ao seu gosto literário, mas a beleza da capa ganha especial atenção em seu critério de aquisição.

Ana classifica sua coleção como uma biblioteca pessoal, e justifica isso não só pela quantidade de livros que possui – mais de 400 – mas também porque cada um deles diz algo sobre quem ela é, o que gosta e com o que se identifica. Acredita também que sua biblioteca jamais estará completa, pois mesmo lotada e como boa leitora que é, sempre haverá espaço para mais um livro. Pretende se desfazer de alguns livros para dar espaço a outros, caracterizando assim sua coleção com algo em constante mutação, mas sempre preservando obras que a marcaram. Por seu gosto literário bastante diversificado, Ana presume que sua biblioteca agradaria todo tipo de leitor, os que apreciam romances, livros de terror, clássicos, fantasias e até quadrinhos, entre diversos outros gêneros.

Jéssika também classifica sua coleção como uma biblioteca pessoal, daquelas que sempre terá espaço para um livro novo, pois sempre tem uma história sendo lançada, e seu amor pela leitura sempre precisará ser alimentado. Caracteriza sua coleção como algo pessoal, pois ali encontra histórias que a interessam e fazem parte da sua própria história.

A coleção de Letícia também é uma biblioteca pessoal que sempre terá espaço para novos livros, pois ela não se vê parando de adquirir novas edições.

Formas e frequência de aquisição: duas questões abordaram a forma como os livros são adicionados à coleção.

Ana tem parcerias com editoras e autores nacionais, por isso recebe muitos livros, então evita comprar. Abre raras exceções e compra somente aqueles que sabe que irá gostar e tem certeza que não ganhará. Quando faz as compras, opta por lojas online como Amazon e Saraiva. Por possuir parcerias, semanalmente recebe um livro novo que logo é acrescentado à coleção.

Jéssika também possui parcerias com editoras, o que mantém sua coleção em constante transformação. Além de receber esses livros, ela também ganha de presente e ainda compra outros. Sua coleção está sempre se renovando, ela adquire novos e se desapega de outros.

Os livros de Letícia também são adquiridos através de parcerias com editoras e autores nacionais, mas, além disso, ela ainda mantém uma rotina de compras em sites, livrarias físicas e feiras literárias. Livros novos são adicionados com frequência em sua coleção, no mínimo dois por semana, aumentando consideravelmente seu número de itens.

Estrutura física: em quatro questões procurou-se conhecer as características da coleção e do espaço que ela ocupa.

A coleção exibida no @queriaseralice possui um espaço físico específico para os livros e é distribuída em três estantes: a primeira formada por quatro prateleiras fixadas em uma das paredes de seu quarto; a segunda ocupa um espaço pouco útil para outras coisas, possui cinco prateleiras e fica atrás da porta de seu quarto, e a última é uma estante baixa que possui seis divisórias. As estantes acomodam todos os seus livros e ficam em seu próprio quarto, a mantendo cercada por eles o tempo todo.

Figura 4 - Estante: @queriaseralice



Fonte: https://www.instagram.com/p/BjQQVPNFFEp/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=1nbjh6ltx7fit

Ana não possui nenhuma ferramenta que auxilie na gestão da coleção, os livros não são catalogados. Ela os organiza de diversas formas: por cor, coleções, autores e favoritos. O seu tipo de organização é o mesmo há muito tempo e isso a faz saber onde cada livro se encontra.

Dentre os títulos com várias edições, três ganham destaque na coleção: Alice no País das Maravilhas, com quatro edições (uma delas um mangá raríssimo), o título entra na categoria especial por ser uma história que marcou sua vida e a fez amar livros de fantasia. Coraline, o livro que a fez se apaixonar pela escrita de Neil Gaiman, possui três edições. E O Pequeno Príncipe, um título muito importante para Ana, primeiro livro que leu, além dos infantis. Possui três edições, e uma delas pertenceu a sua mãe.

Os livros favoritos de Ana possuem uma seção especial, uma estante menor, recentemente instalada abaixo das prateleiras mais antigas, onde os livros ganham certo destaque. A estante é composta por livros da editora Darkside, que possuem edições lindas e ocupam um espaço grande só para eles, e livros de seu autor favorito, Neil Gaiman, que também são destacados em um local único e exclusivo. Os livros dessa estante ganham mais atenção e são constantemente manuseados, seja para limpar, fotografar ou simplesmente admirar.

No @saymybook, Jéssika exibe três estantes. Com tamanhos diferentes, os armários de aço foram transformados em estantes e pintados de branco, e compõem uma das paredes de seu quarto, acomodando todos os seus livros.

Figura 5 - Estante: @saymybook



Fonte:

https://www.instagram.com/p/Bb8AAbejikM/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=yx95udt7khvn

Como ferramenta de auxílio da gestão e manuseio da coleção, ela gosta de anotar em um caderno todos os livros que possui, e utiliza também o Skoob, que funciona como uma estante virtual, onde os livros são cadastrados e marcados em categorias (quero ler, li, abandonei, desejo, tenho, emprestei, favoritos). Para encontrá-los nas estantes, ela cria uma ordem que faz sentido para si, e arruma cada livro de acordo com o espaço existente.

Como todo leitor apaixonado, Jéssika também possui várias edições de um mesmo título, sempre de alguma história da qual gostou muito. As edições costumam ser mais caprichadas e com uma capa mais atrativa. Os livros favoritos se encontram em meio a coleção, eles não possuem um local especial, mas ela sabe quais são e onde encontrá-los.

A @sereia_literaria, Letícia, mantém as estantes em seu quarto, e as reorganiza sempre que possível, mantendo uma organização coerente para si. Também utiliza o Skoob para controlar seus livros e leituras. A organização das estantes é feita por cores, formando um arco-íris em duas das prateleiras, e nas outras os livros são organizados por editora e autor.

Figura 6 - Estante: @sereia_literaria



Fonte:

https://www.instagram.com/p/Bc5ffckFW41/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=ki8e784hw506

Possui várias edições de Sherlock Holmes e de O diário de Anne Frank. Devido ao carinho que tem pelas histórias, sempre compra uma nova edição quando é lançada. Além disso, também costuma comprar edições em inglês dos livros que lê em português, para assim praticar a língua. Os livros do seu autor favorito, Stephen King, ficam em uma prateleira específica, com mais visibilidade, junto aos livros de capa dura.

Aproveitamento da coleção: em duas questões se perguntou sobre a finalidade e o uso dos livros da coleção.

Além de ler os livros, Ana também costuma emprestá-los, mas com algumas condições: não empresta edições colecionáveis, de capa dura, bonitas ou raras de se encontrar. Para emprestar outros livros precisa confiar na pessoa e saber que ela cuidará bem deles. Se algum estranho pede um livro emprestado, ela enrola, mas não empresta. Já emprestou antes, mas se arrependeu depois. Seus livros funcionam como um refúgio, uma fuga da realidade. A busca por novos conhecimentos e a apreço por boas histórias valem o tempo de dedicação a

cada item da sua coleção. A coleção de Ana é a demonstração de todo o amor e carinho que sente pelos livros.

Figura 7 - Ana Cláudia Gauer, administradora do perfil @queriaseralice



Fonte:

https://www.instagram.com/p/BJZAbOKBndG/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=rggr3l9awhw1

Jéssika também empresta seus livros, e também possui suas condições: somente a amigos que gostam de ler e que irão respeitar o livro, que deve ser cuidado como qualquer objeto que não lhe pertence. Acredita que histórias devem ser compartilhadas, e muitas pessoas não leem por falta de condições financeiras e falta de incentivo, por isso empresta seus livros. Sua coleção é para seu próprio deleite. Algo que criou, formou e construiu, tornou uma extensão de si própria e que carregará para toda vida.

Figura 8 - Jéssika Sena, administradora do perfil @saymybook



Fonte:

https://www.instagram.com/p/BpA31clg4L8/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=1dqcssd8ndco8

Dependendo da edição, Letícia empresta ou não seus livros. Capa dura e edições especiais precisam ser muito bem cuidados, e emprestaria somente a uma pessoa de inteira confiança. Ela visa ter todos os livros que já leu e deseja ler em sua coleção, para ter sempre as histórias perto de si.

Figura 9 - Letícia Zaccaron, administradora do perfil @sereia_literaria



Fonte: https://www.instagram.com/p/Bor-ekRl8-i/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=13xlrw7kkwh7r

É visível a importância da coleção para ambas e o papel que ela possui na vida de cada uma. Apesar de possuírem diversas características em comum, além do objeto colecionado, cada colecionador apresenta peculiaridades em suas coleções e nas motivações para construí-las. A diferença entre as coleções está nos detalhes, mas não mudam o que elas são no final, e nem o que significam para os seus colecionadores.

A existência de coleções bibliográficas aqui é explícita, sendo comprovada através das respostas o que antes foi apenas observado nos perfis literários do *Instagram*. A principal pergunta que deu abertura ao questionário foi sobre se considerar um colecionador de livros, obtendo uma resposta positiva nos três casos.

Ana deixa claro desde a primeira pergunta do questionário seu amor incondicional pelos livros, cada palavra cercada de um carinho inconfundível, destacando sua seletividade sobre as obras, preferindo qualidade a quantidade. Inclusive é possível enxergar traços de

bibliofilia em suas respostas, visto que possui diferentes itens da mesma obra com características singulares e especiais. Jéssica, além de colecionadora apaixonada é um pouco materialista, e mostra isso no desejo de possuir todos os livros que já leu. Já Letícia, com respostas mais curtas e diretas, disse construir sua coleção pensando em como os livros ficarão nas estantes.

Desde a primeira pergunta foi possível perceber os sentimentos de cada colecionadora para com a coleção. Cada uma contando sua história, do seu jeito.

Mesmo com uma significativa diferença de idade entre elas, Ana, Jéssica e Letícia têm em comum o contato com os livros desde a infância. Ana tem hoje 20 anos, e sua coleção começou em 2012, quando tinha 14, com um livro que ganhou de presente, e continuou depois com outros que a mesma comprava. Jéssica, com 25 anos, começou sua coleção em 2008, com 15 anos, quando leu um *best seller* que despertou definitivamente sua vontade de ter sua própria coleção. E Letícia, hoje com 13 anos, começou sua coleção mais recentemente, aos 12, graças a um professor que incentivava a leitura antes do início das aulas. Apesar de a coleção ter começado a se formar na adolescência para todas, os livros fazem parte de suas vidas desde sempre.

Para Ana, os livros são amigos, companheiros e cada um possui um significado diferente, onde através da leitura os sentimentos tristes e negativos são afastados, a fazendo se sentir melhor. Ana sempre carrega um livro consigo, e para ela, um mundo sem livros é impossível de se imaginar. Jéssica ama ler e conhecer novas histórias, o que para ela fez uma grande diferença em diversos momentos de sua vida. Letícia deve aos livros a pessoa que é hoje, pois cada um deles, independente do gênero, a ensinou algo através de suas histórias. Novamente aqui, encontramos semelhanças no relacionamento entre o livro e o colecionador, onde o objeto faz parte da história de vida do indivíduo, esta não podendo ser contada sem a menção dos livros. Colecionador e livros estão intimamente relacionados.

Ana, Jéssica e Letícia possuem uma coleção relevante. Ambas mantêm seus livros arrumados em estantes nos próprios quartos. Ana e Letícia separam um cantinho especial para seus livros favoritos, deixando em destaque as obras pelas quais são mais apegadas. Jéssica não tem um lugar especial para os livros favoritos, eles acabam ficando junto aos demais, mas ela sabe exatamente quais são e onde encontrá-los.

Leitores ferozes e colecionadores apaixonados são vistos de longe, e por isso nunca estão imunes a temível pergunta “me empresta tal livro?”, o que é uma questão delicada para muitos. Ana costuma emprestar seus livros, mas com algumas condições. As edições mais especiais não saem dos seus cuidados de forma alguma, já os outros livros podem ser

emprestados sim, desde que a pessoa seja realmente confiável. Letícia também tem receio de emprestar os livros mais especiais, mas não se nega a emprestar outros títulos de sua estante, desde que confie na pessoa que o levará. Jéssika acredita que as histórias devem ser compartilhadas, e empresta seus livros, mas também propõe condições e só empresta para quem sabe que irá cuidar e respeitar o objeto. Todo colecionador zeloso e apaixonado trata seus livros com todo cuidado e amor, afinal, não é só um objeto que te pertence, é algo cercado de sentimentos e emoções, de extrema importância, que faz parte de quem você é. E por isso a cautela de deixá-lo somente em mãos de quem realmente sabe seu valor.

O *Instagram* aparece como uma ferramenta de compartilhamento da paixão pelos livros. Através dos perfis literários, dentro da comunidade *bookstagram*, os leitores e colecionadores bibliográficos criam redes de contato e fazem novas amizades por causa dos livros. Letícia nunca teve com quem compartilhar seu amor pela leitura, e o *Instagram* possibilitou não só o contato com outros leitores, mas também a prática de outra paixão, a fotografia. Ana também ama fotografia, e sentia a necessidade de ter um espaço para falar sobre seus livros e leituras. O *Instagram* foi a plataforma ideal para juntar as duas coisas, fazendo com que ela encontrasse neste espaço outros leitores tão apaixonados por livros quanto ela. Jéssika criou o perfil literário junto com sua irmã na intenção de compartilhar sua paixão em um lugar específico, falando do mesmo assunto sem medo de exagerar.

Questionadas a respeito da influência do perfil literário no *Instagram* sobre suas coleções, Ana, Jéssika e Letícia responderam positivamente. O fluxo de informações diárias na plataforma é intenso, exibindo promoções, anúncios, indicações e lançamentos, as mantendo atualizadas sobre o que está acontecendo no mundo literário.

O *bookstagram* é movimentado por muitos leitores, colecionadores, autores e até editoras, muitas vezes funcionando como uma vitrine. Leitores expõem suas coleções, autores divulgam seus livros e editoras fazem propagandas de seus títulos. Os colecionadores que possuem um perfil literário no *Instagram* mantêm suas coleções em constante mutação. Além de expor os livros que já possuem, de descobrir novos títulos e ficar sabendo das novidades quase em tempo real, existe a possibilidade de fazerem parcerias tanto com outros perfis literários quanto com autores e editoras, e assim aumentarem ainda mais suas coleções através de trocas e aquisições.

Como colecionadoras de livros e possuindo um acervo considerável, outra questão levantada foi se a coleção seria classificada como uma biblioteca pessoal. Jéssika e Letícia responderam objetivamente com um sim. Ana, além disso, disse que seus mais de

quatrocentos livros mostram quem ela é e do que gosta, justificando assim sua biblioteca pessoal.

Sobre completarem suas coleções, outra resposta unânime: ela nunca estará completa. Como leitoras assíduas e colecionadoras apaixonadas, sempre haverá espaço para um novo título, tanto na estante, quanto no coração.

Para Ana sua coleção é seu refúgio, onde busca por conhecimento e aprecia boas histórias, demonstrando através de cada livro que guarda, todo seu amor e carinho por eles. Jéssika se orgulha da coleção que possui, e a mantém como uma extensão de si mesma, que carregará por toda a vida. Letícia pretende ter todos os livros por perto, as histórias que já leu e que ainda lerá.

O colecionismo bibliográfico está presente nos três casos, com algumas diferenças entre as colecionadoras. Ana descreve seus sentimentos com muito mais entusiasmo e apreço que Jéssika e Letícia, o que não exclui nem diminui o amor das duas por seus livros e pela coleção. A quantidade de dados recolhidos no questionário implica diretamente na interpretação e descrição dos mesmos na pesquisa, e foi possível identificar essa diferença através de cada resposta obtida.

Como descrito anteriormente por Nunes (2012), o colecionismo bibliográfico é a prática colecionista que desperta as emoções mais profundas e as relações mais íntimas entre o objeto e o colecionador, e esse as externaliza da sua própria forma. Pode ser um sentimento mais tímido, contido e objetivo, que fala pontualmente sobre sua paixão e a aborda de maneira mais sóbria, ou que nem fale, só sente e guarda pra si. Ou aquele sentimento que mal cabe dentro de si, que possui a necessidade de compartilhar com outras pessoas e o multiplicar, conquistando os outros com o seu amor por aquele objeto mostrando o quanto ele é importante de forma acalorada e apaixonada.

Pomian (1998), traduzindo o livro como semióforo, explica que além de carregar histórias por si mesmo, desempenhando assim o seu papel, ainda consegue agregar outras histórias, lembranças, momentos e significados a partir do contato entre livro e colecionador.

Leitor, colecionador de livros, bibliófilo ou qualquer outro nome que um apaixonado por livros se denomine, nunca serão iguais, com exatamente os mesmo princípios, nem existirá uma coleção idêntica a outra. Suas vidas, seus princípios, seus objetivos são diferentes, e os levarão cada qual ao seu caminho, assim como também os conduzirão cada um a seus livros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O colecionismo bibliográfico retrata o mais íntimo de seus colecionadores. Aquilo que eles leem e guardam representa tudo o que são e em que acreditam. O estudo desenvolvido nesta pesquisa permitiu conhecer os conceitos que cercam o tema colecionismo e também ver de perto alguns colecionadores e as características de suas coleções na prática.

O ato de colecionar objetos é antigo, e fez parte da construção da história do mundo que vivemos hoje. A evolução dos povos e da sociedade alterou também os motivos para se construir uma coleção. O que antes era sinônimo de poder e superioridade sobre outros povos se transformou em sinal de prestígio e riqueza e hoje é um *hobbie* praticado por apaixonados, que refletem através de suas coleções os seus gostos, tudo o que são e o que sentem.

Os itens da coleção dizem muito sobre o colecionador. A paixão dos colecionadores de livros e bibliófilos é nítida, e a carga histórica que o livro carrega é evidente até para aqueles que não têm apreço pelo objeto. Já para os apaixonados, além das palavras e histórias que o livro traz consigo, ele também é capaz de carregar lembranças, momentos, sentimentos e inúmeros significados que o tornam especial e fundamental na vida do colecionador.

A biblioteca pessoal construída por meio desta paixão é o espelho dessa relação, e a extensão da vida de seu criador. Os limites, motivos e critérios são o que alimentam essa coleção e não existem padrões a serem seguidos, a relação do colecionador com o livro é o que dá significado e razão para a sua existência.

Os colecionadores de livros se encontram hoje nas redes sociais para compartilhar sobre aquilo que amam. A presença do colecionismo bibliográfico no *Instagram* é tão clara, que buscar por qualquer palavra relacionada ao livro é o bastante para recuperar imagens de livros e estantes, e constatar através das legendas o amor dessas pessoas pelos livros e as histórias ali envolvidas.

A paixão pelas histórias e pela leitura e a vontade de compartilhar esse amor com alguém que sinta a mesma coisa é o que motiva leitores a criar perfis literários no *Instagram*. O *bookstagram* forma, além de uma rede de contatos, um ciclo de amizade ancorado nos livros, que mantém o velho bate-papo sobre livros e literatura ativo e ainda amplifica seu alcance.

O velho colecionismo bibliográfico ainda existe através de bibliófilos e amantes de livros que os guardam e protegem como tesouros. Mas o colecionismo bibliográfico também existe entre as tecnologias, mostrando que não é preciso esquecer o tradicional para viver o novo. Os perfis literários no *Instagram* retratam esse colecionismo, por meio das fotos

postadas onde são exibidos os livros e as coleções, e mostram a existência de um colecionismo bibliográfico contemporâneo sendo compartilhado na rede, e transmitindo o amor pelos livros a outros apaixonados.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O mestre dos livros**: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

BEZERRA, Fabiana de Oliveira; SILVA, Alzira Karla Araújo da. A biblioteca particular e sua função social: um espaço de (in)formação de leitores. **Biblionline**, João Pessoa, v. 4, n. 1-2, *online*, jan./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/v/a/9211>>. Acesso em: 24 set. 2018.

BIBLIÓFILO. In: E-DICIONÁRIO de termos literários. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, c2018. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

BIBLIOTECA Particular Fernando Pessoa. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, c2018. Disponível em: <<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/index.htm>>. Acesso em: 6 out. 2018.

BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BONNET, Jacques. **Fantasmas na biblioteca**: a arte de viver entre livros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAVEDON, Neusa Rolita. et al. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a14v1328.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Fernando Mustafá. **Bibliofilia**: a eterna devoção aos livros. 2009. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/16905/1/TCC_Bibliofilia_Fernando%20Mustafa.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

CUNHA, Evandro Landulfo Teixeira Paradela. **Etiquetagem de micromensagens no Twitter**: uma abordagem linguística. 2012. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) - Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ESBF-8UZJ4X/evandrolandulfo.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 set. 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DOHMANN, Marcus. Coleções de objetos: memória tangível da cultura material. In: CAVALCANTI, A.; MALTA, M.; PEREIRA, S. **Coleções de arte**: formação, exibição,

ensino. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015. p. 81-92. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280495339_Colecoes_de_objetos_memoria_tangivel_da_cultura_material>. Acesso em: 3 jun. 2018.

ECO, Umberto. Como justificar uma biblioteca particular. In: ECO, Umberto. **O segundo diário mínimo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 191-193.

_____.; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FARINA, Milton Carlos; TOLEDO, Geraldo Luciano; CORRÊA, Gisleine Bartolomei Fregoneze. Colecionismo: uma perspectiva abrangente sobre o comportamento do consumidor. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 9., 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/320.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2018.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 186–191, set/dez. 1992. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/430/430>>. Acesso em: 27 out. 2018.

GRECCO, Vera Regina Luz. Colecionismo: o desejo de guardar. **Jornal do Museu de Arte do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 83, 2003. Disponível em: <http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_odesejo.php>. Acesso em: 9 abr. 2018.

INSTAGRAM. Info center. **Our story**. [S.l.], c2018. Disponível em: <<https://instagram-press.com/our-story/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Booktubers: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube**. 2017. 395 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6337>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

LIMA, Renata. A arte fascinante de colecionar. **Collector's Magazine**, [Rio de Janeiro?], n. 2, [1997]. Disponível em: <<http://www.brasilcult.pro.br/artigos/imagens/colecionar.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

MAGALHÃES, Sergio. O valor sentimental de uma biblioteca particular. **Baião de Letras**, Ceará, abr. 2016. Seção Artigos. Disponível em: <<http://www.baiaodeletras.com.br/o-valor-sentimental-de-uma-biblioteca-particular/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1996.

MEDIUM. Mouseion: Museus e museologia. **O colecionismo na antiguidade**. [S.l.], 2016. Disponível em: <<https://medium.com/museus-e-museologia/o-colecionismo-na-antiguidade-c33fddedcb41>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 6, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 1978. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/v/a/1965>>. Acesso em: 24 set. 2018.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n.esp., p. 87-104, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87/19836>>. Acesso em: 28 maio 2017.

NUNES, Karina da Silva. **Um acervo para chamar de meu**: bibliófilos como conservadores da cultura impressa. 2012. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/69774>>. Acesso em: 18 maio 2017.

PEDRÃO, Gabriela Banzan; MURGUIA, Eduardo Ismael. Formação das bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo. **Em Questão**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/36306/31064>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi: memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. v. 1, p. 51-86. Disponível em: <<http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20%281984b%29.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

_____. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 71- 95.

QUEIROZ, Priscila. “**As diferenças entre comunidades e redes sociais**”. 28 out. 2015. Post do LinkedIn. Disponível em: <<https://pt.linkedin.com/pulse/diferen%C3%A7as-entre-comunidades-e-redes-sociais-priscila-queiroz>>. Acesso em: 4 set. 2018.

RENAULT, Leonardo Vasconcelos. **O ato colecionador**. 2015. 177 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9ZLPDN/ato_colecionador_tese.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 jun. 2018.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Grávida, 1996.

SILVA, Júlia Negretti Dias. **Estratégias de promoção de livros via booktubers**: estudo de caso de uma editora brasileira. 2017. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em:

<http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/18921/1/2017_J%C3%BAliaNegrettiDiasSilva.pdf>. Acesso em: 29 out. 2018.

SOARES, Andréia Azevedo. Bookstagram: eu fotografo um livro no Instagram e tu tens de descobrir quem é o autor. **Público**, Lisboa, abr. 2012. Disponível em:

<<https://www.publico.pt/2012/04/15/p3/noticia/bookstagram-eu-fotografo-um-livro-no-instagram-e-tu-tens-de-descobrir-quem-e-o-autor-1813200>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

TERRA, Helena. Bibliotecas pessoais: o leitor obstinado não conhece fronteiras, constrói uma biblioteca quase por acidente. **Amálgama**, [S.l.], jul. 2013. Seção Livros. Disponível em:

<<https://www.revistaamalgama.com.br/07/2013/fantasmas-na-biblioteca-jacques-bonnet/>>. Acesso em: 27 out. 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. **A**

Biblioteca Mindlin na USP. São Paulo, [201-]. Disponível em:

<<https://www.bbm.usp.br/node/1>>. Acesso em: 6 out. 2018.

WHITE, Mara. #Bookstagram: how readers changed the way we use Instagram. **HuffPost**,

[S.l.], oct. 2017. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/entry/bookstagram-how-readers-changed-the-way-we-use-instagram_us_59f0aaa2e4b01ecaf1a3e867>. Acesso em: 4 set. 2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

I. DADOS

Nome do perfil no Instagram:

Nome do administrador:

Idade:

Profissão:

Gostaria de ser identificado na pesquisa? ☐ SIM ☐ NÃO

Como este é um trabalho de pesquisa científica, esse questionário será um pré-teste, no qual farei a simulação de como analisar os dados. Caso haja a necessidade de novas perguntas para o esclarecimento de algumas questões, gostaria de saber se estaria disponível para responder novamente. ☐ SIM ☐ NÃO

II. QUESTÕES

1. Você se considera um colecionador de livros? De que tipo? Por que?
2. Quais seus sentimentos em relação aos livros e a coleção? Conte um pouco da sua relação com os livros e qual o papel deles em sua vida.
3. Por que escolheu o Instagram como plataforma para expressar o colecionismo bibliográfico e não outras plataformas e redes sociais?
4. Por que você criou um perfil literário no Instagram?
5. Você entende que um perfil no Instagram influencia o desenvolvimento da sua coleção? De que modo?
6. Há quanto tempo o perfil literário existe? Possui a mesma função de quando foi criado ou mudou com o tempo? Qual a função?
7. Quando e como a coleção começou a ser formada?
8. Já descartou algum livro da coleção? Por quê?
9. O que faz um livro despertar seu interesse, e quais os critérios para ele fazer parte da coleção?
10. Classificaria a sua coleção como uma biblioteca pessoal?

11. Acha que um dia completará a coleção ou sua biblioteca sempre terá espaço para um novo livro?
12. Como você caracteriza a sua coleção?
13. Como são adquiridos os livros?
14. Com que frequência são adicionados novos livros a coleção?
15. Possui um espaço físico específico para a coleção? Conte um pouco sobre ele.
16. Existe algum catálogo ou outra ferramenta que auxilie no manuseio e gestão da coleção? Como você organiza e encontra os livros nas estantes?
17. Existe algum título na coleção com mais de uma edição? Se sim, por que?
18. Títulos favoritos possuem alguma seção especial? Como estes livros são tratados?
19. Os livros são somente para uso pessoal ou podem ser emprestados? Por que?
20. Qual a finalidade da coleção?